

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS / INSTITUTO**  
**MULTIDISCIPLINAR**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**DISSERTAÇÃO**

**A Contribuição do Periódico do Instituto Brasileiro  
de Geografia e Estatística na Inserção da Mulher na  
Ciência Geográfica: o Caso do Boletim Geográfico**

**Luanna Siebert dos Santos**

**2023**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**A CONTRIBUIÇÃO DO PERIÓDICO DO INSTITUTO BRASILEIRO  
DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA NA INSERÇÃO DA MULHER NA  
CIÊNCIA GEOGRÁFICA: O CASO DO BOLETIM GEOGRÁFICO**

**LUANNA SIEBERT DOS SANTOS**

*Sob a Orientação do Professor*  
**Guilherme da Silva Ribeiro**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Geografia**, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

Seropédica, RJ  
Fevereiro de 2023

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”.*

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237c Santos, Luanna Siebert dos, 1997-  
A contribuição do periódico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na inserção da mulher na Ciência Geográfica: o caso do Boletim Geográfico / Luanna Siebert dos Santos. - Seropédica-RJ, 2023.  
71 f.: il.

Orientador: Guilherme da Silva Ribeiro.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2023.

1. Geografia Feminista. 2. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 3. Periódicos. I. Ribeiro, Guilherme da Silva, 1980-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós Graduação em Geografia III. Título.

É permitida a cópia parcial ou total desta dissertação, desde que seja citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO N° 10/2023 - PPGGEO (12.28.01.00.00.35)

N° do Protocolo: 23083.012137/2023-34

Seropédica-RJ, 06 de março de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LUANNA SIEBERT DOS SANTOS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Geografia**, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 13/02/2023

Identificar membros da banca:

Guilherme da Silva Ribeiro (Dr., Ph.D.), UFRRJ

(Orientador, presidente da banca)

Tatiana Tramontani Ramos (Dr., Ph.D), UFF-Campos dos Goytacazes

(membro da banca)

Patricia Monteiro Aranha (Dr., Ph.D), Freie Universität Berlin

(membro da banca)

Mariane de Oliveira Biteti (Dr., Ph.D), UERJ-FFP

(membro da banca)

*(Assinado digitalmente em 06/03/2023 10:40)*  
GUILHERME DA SILVA RIBEIRO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeGEOLA (11.39.39)  
Matricula: ###723#0

*(Assinado digitalmente em 09/03/2023 06:42)*  
PATRICIA MARINHO ARANHA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: ###.###.937-##

*(Assinado digitalmente em 11/03/2023 13:08)*  
MARIANE DE OLIVEIRA BITETI  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: ###.###.957-##

*(Assinado digitalmente em 07/03/2023 10:34)*  
TATIANA TRAMONTANI RAMOS  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: ###.###.567-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **10**, ano: **2023**, tipo: **HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**, data de emissão: **06/03/2023** e o código de verificação: **91921a4953**

## DEDICATÓRIAS

“Ao meu irmão, o maior amor do mundo”.

*Dedico.*

## AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer palavra escrita sobre conceitos e métodos, gostaria de registrar a parte mais importante que compôs esta pesquisa que diz respeito a solidariedade, amor e empatia. O ano de 2020, quando ocorreu o processo seletivo para o mestrado, o mundo encontrava-se paralisado por uma pandemia que colocou em dúvida todos os planos traçados para aquele ano. Em meio ao caos emocional, a perturbação, a tristeza de vidas sendo perdidas, eu entendi que aquele não era mais o meu momento de colocar em prática os meus planos pessoais de estudos para o processo seletivo porque nada mais fazia sentido para ninguém. Admito que aos poucos desanimei dos meus objetivos e não conseguia ver a luz no fim do túnel que todos procuravam.

Em meio a tudo isso, eu encontrei um conforto em minha mãe e meu irmão, que sempre acreditaram no meu potencial, mas para além disso, eles confortaram o meu coração de que se não fosse meu momento estaria tudo bem. No ano de 2020 passei o isolamento social distante do meu marido, que infelizmente foi contaminado e que trouxe maior instabilidade para o meu planejamento de ainda tentar estudar. Eu me sentia lutando contra maré. Noites de choros, acordava às 5 horas da manhã para escrever meu projeto com o que me restava de esperança no coração que eu ainda teria chances embora todo caos que me engolia. Vivemos momentos sombrios demais.

O ano em que eu mais fiz planos e tinha sonhos estavam se esvaindo em minhas mãos. Minha mãe que sempre sofreu muito para que eu e meu irmão nos mantivéssemos vivos, trabalhou na linha de frente. E todos os dias em que ela saía de casa para salvar vidas, eu me despedia e pensava “será que ela volta?”

Com turbilhões de pensamentos sobre o então desconhecido covid19, o mestrado se afastava cada vez mais da minha realidade e deixava de ser prioridade. Até porque, qual seria o sentido de ser mestre sem que minha mãe pudesse presenciar essa realização? Então começamos a pedir para que os nossos só se mantivessem vivos.

Sempre me considerei uma mulher forte e decidida, por tudo que já passei e vivenciei, mas naquele momento nada conseguia me reerguer. Porém no fundo do meu coração existia 1% de esperança e de vontade, e eu achava que merecia ser mestre um dia. Eu achava que merecia ganhar meu lugar na Geografia. Então eu decidi que eu enfrentaria o invisível.

Lá em cima eu falei de amor e solidariedade porque foi através disso que eu consegui alcançar o êxito em cada fase. Por trás da minha vitória eu tive pessoas. Pessoas empenhadas em não me deixar cair. Minha mãe, meu irmão, meu marido, meus poucos amigos. Eu fui acolhida, abraçada, lembrada por cada pessoa sobre o potencial que eu tinha para estar no lugar onde eu tanto sonhei: a pós graduação.

A universidade já era um sonho muito distante para a minha realidade, porém depois que eu adentrei no mundo que eu tinha direito que fosse meu, me senti um foguete. O meu caminho é árduo como mulher, mas estou disposta a enfrentar os obstáculos impostos para chegar onde eu sempre sonhei.

Agradeço ao meu orientador Guilherme Ribeiro pelo acompanhamento desde o primeiro período da Universidade e pelas instruções na minha caminhada ao mestrado.

Agradeço ao grande esforço de minha mãe que não teve uma vida fácil, mas que se dedicou a dar o melhor que pode a mim e ao meu irmão. Eu pude sonhar e concretizar esse sonho me tornando professora, profissão essa que eu escolhi para minha vida.

Registro aqui meu grande agradecimento a minha psicóloga Leonise, que me ajudou a compreender meus processos, respeitar minha caminhada, priorizar o autoconhecimento e me ajudou a normalizar um pedido de ajuda quando sentimos que não aguentamos mais carregar a

cruz que nos foi dada nessa vida. Afirmo que o acompanhamento psicológico me possibilitou continuar minha caminhada.

Agradeço a minha médica Cecília e ao meu médico Paulo Fogaça que me possibilitaram continuar minha caminhada saudável e em busca do autocuidado e autoconhecimento. Que me possibilitou terminar essa fase importante da minha vida ao menos saudável em um momento que os brasileiros adoecem cada vez mais.

Agradeço de todo meu coração a minha amiga Mariana Nesimi, que esteve presente desde o início da minha graduação e foi a maior companheira que eu nunca imaginaria ter. Agradeço por ouvir minhas angústias, minhas lamentações, meus medos e por ter me ensinado o que é o amor de uma amizade. Mariana me ensinou que existem várias formas de ser amada e transmitir amor e que todas elas deveriam ser respeitadas.

Ao meu marido Matheus, eu entrego o meu companheirismo e agradeço pelos nove anos que acompanhamos a trajetória um do outro e que sempre priorizamos levantar um ao outro e ajudar a alcançar nossos objetivos de vida.

Agradeço até aqueles que nunca imaginaram que uma filha de uma auxiliar de enfermagem e de um porteiro chegaria até o título de mestre. Vocês me impulsionaram a ser uma mulher maior do que eu acreditava que poderia ser.

Por fim, dedico o meu título de Mestre ao meu irmão Edwardo, nome que tenho tatuado no corpo e no coração. Obrigada por fazer da minha vida melhor a cada dia. Obrigada por me permitir ser uma boa influencia a você. Obrigada pelo privilégio de termos vindo na mesma vida. Um milhão de vezes sou capaz de dizer que todo amor do mundo eu desejaria a você.

Dedico este grande esforço da pós graduação a minha pequena grande família que participou de cada momento em que eu desacreditei de mim. Aonde eu não via mais possibilidade de continuar minha caminhada. À minha mãe, meu irmão e meu marido toda a minha gratidão.



## APRESENTAÇÃO

No ano de 2018 apresentei o desenvolvimento de minha pesquisa de conclusão de curso da graduação na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Fiquei encantada por todos os trabalhos que foram nos apresentados. No último dia de palestra, encontrei em um panfleto que seria exposto naquele dia uma palestra intitulada “Geografias Feministas”. Eu já estava no sexto período da graduação em Geografia e nunca tinha sido apresentada a questões feministas na Geografia.

Assumo que fiquei bastante curiosa para saber do que se tratava aquela discussão em que nunca tinha ocorrido no meu processo de formação como professora de Geografia. Nesta semana fui apresentada a diversos trabalhos que eram intitulados como feministas e logo senti em meu coração que era o que eu buscava pesquisar.

Mostrei a ideia ao meu orientador que me incentivou a buscar sobre o que me faria feliz na pesquisa. Entrei em contato com professoras buscando coragem para assumir que iria pesquisar Geografia Feminista mesmo que a maior parte dos professores, graduandos, pesquisadores pouco soubessem sobre o tema.

Assumo que eu tive coragem para assumir um tema que não era falado no meu curso de graduação, e tive medo muitas vezes por ser nova no assunto, mas meu coração ganhava espaço para autoras como bell Hooks, Angela Davis, Maya Angelou, Audre Lorde, Carolina de Jesus, Conceição Evaristo entre muitas outras mulheres, mas que não falavam diretamente sobre uma Geografia Feminista.

Na graduação fiz uma pesquisa importante junto ao meu orientador sobre mulheres tradutoras e eu achava que está pesquisa era de grande sucesso por onde eu passava, mas algo faltava e eu não conseguia identificar. Após o ingresso no mestrado eu entendi que o que me faltava era mostrar mais mulheres brasileiras que se dedicaram a Geografia e obtiveram pouco reconhecimento nos cursos de graduação. Então, com está pesquisa espero conseguir mostrar a participação grandiosa das mulheres na Geografia do Brasil e na construção do ensino em Geografia.

Atualmente minha maior motivação para a disseminação desta pesquisa é que graduandos e graduandas tenham a oportunidade de iniciar o curso de Geografia em qualquer Universidade e ter geógrafas nas referências bibliográficas como uma regra, não uma exceção. Que todas as geógrafas possam ter os mesmos reconhecimentos dados a homens brancos. Desejo que a Universidade se mantenha cada vez mais plural, diversa, captando jovens pobres, pretos e favelados. Que seja um espaço feminista e acolhedor para mães solas.

Salve para todas as geógrafas e professoras de geografia que tornaram esta ciência plural e diversa. Que suas memórias não sejam esquecidas jamais pela ciência geográfica.

## RESUMO

SANTOS, Luanna Siebert dos. **A contribuição do periódico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na inserção da mulher na Ciência Geográfica: o caso do Boletim Geográfico**. 2023. 56p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências / Instituto Multidisciplinar. Departamento de Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

A presente dissertação aborda aspectos que têm sido explorados na intersecção entre o estudo do periódico Boletim Geográfico, que possuiu sua vigência de 1943 até 1978, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e os estudos sobre Geografias Feministas na ciência geográfica contemporânea. Inicialmente, o ponto primordial é a compreensão dos estudos de mapeamento dos periódicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como método, objeto da Geografia e do resgate do trabalho de mulheres no passado, em especial as geógrafas que atuaram desde a criação do periódico, e do significado atribuído a este trabalho. Nesta dissertação pode-se constatar grande participação das mulheres nas edições do periódico e sua concentração na parte destinada a Contribuição ao ensino. Este fato denuncia o caráter de natureza patriarcal atribuído as mulheres pesquisadoras uma vez que mulheres eram destinadas a área da educação, e sua dimensão política com este fato, como um campo de relações de poder. Por um longo período da história, mulheres foram excluídas de uma formação de prestígio e, por consequência, da participação na esfera pública. Diante desse contexto, pressupõem-se que estas mulheres se dedicaram à “Contribuição ao ensino” como alternativa para estar presente nas esferas institucionais da Geografia.

**Palavras-chave:** Geografia Feminista. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Periódicos.

## ABSTRACT

SANTOS, Luanna Siebert dos. **The contribution of the journal of the Brazilian Institute of Geography and Statistics in the insertion of women in Geographical Science: the case of the Geographical Bulletin.** 2023. 56p. Dissertation (Masters in Geography). Institute of Geosciences Multidisciplinary Institute. Department of Geography, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

This thesis approaches aspects that have been explored in the intersection between the study from the journal Geographic Bulletin, which has its validity from 1943 to 1978, of the Brazilian Institute of Geography and Statistics and the studies about Feminists Geographies in contemporary geographic science. Originally, the main point is the understanding of the mapping studies of the journals from the Brazilian Institute of Geography and Statistics as a method, geography object and the data about the women's work in the past, especially, the geographers who have worked since the foundation of the journal, and the meaning assigned to this work. In this thesis it can be seen that the women largest contribution in the editions of the journal was focused on the part destined to "Contribution to Teaching". This fact reveals the character of patriarchal nature attributed to women researchers once they were destined to the education area, and its political dimension with this fact, as a field of power relations. For a long period of history, women were excluded from a privileged formation and, consequently, from participation in the public sphere. Thus, it is assumed that these women dedicated themselves to the "Contribution to Teaching" as an alternative to be present in the Geography institutional spheres.

**Keywords:** Feminist Geography. Brazilian Institute of Geography and Statistics. Periodic.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Quantidade de textos publicados no período de 1943 a 1978.....	25
<b>Figura 2.</b> Quantidade de temas abordados publicados por mulheres ao longo do período de vigência do Boletim Geográfico .....	26
<b>Figura 3.</b> Quantidade de textos publicados por mulheres no Boletim Geográfico.....	29
<b>Figura 4.</b> Quantidade total de mulheres que publicaram no Boletim Geográfico no período de 1943 a 1978.....	30
<b>Figura 5.</b> Temas separados na década de 1940.....	31
<b>Figura 6.</b> Temas separados na década de 1950.....	32
<b>Figura 7.</b> Temas separados na década de 1960.....	33
<b>Figura 8.</b> Temas separados na década de 1970.....	34
<b>Figura 9.</b> Quantidade de mulheres que publicaram em Ensino no Boletim Geográfico no período de 1943 a 1978.....	43
<b>Figura 10.</b> Quantidade de mulheres que publicaram em Geografia Física no Boletim Geográfico no período de 1943 a 1978.....	51

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Levantamento do periódico Boletim Geográfico com publicações feita por mulheres no período de 1943 a 1978 (continua). ....	17
<b>Tabela 2.</b> Quantidade de textos por décadas.....	24
<b>Tabela 3.</b> Quantidade de temas abordados no periódico no período de 1943 a 1978.....	25
<b>Tabela 4.</b> Levantamento de todas as mulheres que publicaram no periódico no período de 1943 entre 1978 (continua). ....	27
<b>Tabela 5.</b> Temas separados na década de 1940. ....	30
<b>Tabela 6.</b> Temas separados na década de 1950. ....	31
<b>Tabela 7.</b> Temas separados na década de 1960. ....	33
<b>Tabela 8.</b> Temas separados na década de 1970. ....	34
<b>Tabela 9.</b> Levantamento do periódico Boletim Geográfico com publicações feita por mulheres em Ensino no período de 1943 a 1978 (continua). ....	40
<b>Tabela 10.</b> Levantamento do periódico Boletim Geográfico com a quantidade de mulheres que publicaram em Ensino no período de 1943 a 1978.....	42
<b>Tabela 11.</b> Levantamento do periódico Boletim Geográfico com publicações feita por mulheres em Geografia Física no período de 1943 a 1978 (continua). ....	46
<b>Tabela 12.</b> Levantamento do periódico Boletim Geográfico com a quantidade de mulheres que publicaram em Geografia Física no período de 1943 a 1978 (continua). ....	49

## **LISTA DE ABREVIACÕES E SÍMBOLOS**

ABIN – Agência Brasileira de Inteligência  
CBERJ – Corpo de bombeiros  
CEP – Coordenação de Estudos e Pesquisa  
DPRJ – Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro  
DPU – Defensoria Pública da União  
E-sic – Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão  
FNSP – Força Nacional de Segurança Pública  
FUNPEN – Fundo Penitenciário Nacional  
GLO – Garantia da Lei e da Ordem  
GM - Guardas Municipais dos municípios do Estado do Rio de Janeiro  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços  
INFOPEN – Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias  
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada  
IPTU – Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana  
ISP – Instituto de Segurança Pública  
LEP – Lei de Execução Penal  
MCMV – Minha Casa Minha Vida  
Olerj – Observatório Legislativo da Intervenção Federal na Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro  
PCERJ – Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro  
PF – Polícia Federal  
PMERJ – Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro  
PRF – Polícia Rodoviária Federal  
SEAP – Secretaria de Estado de Administração Penitenciária  
SEDEC – Secretaria de Estado de Defesa Civil  
SESEG – Superintendência de Comunicações Críticas  
UPPs – Unidades de Polícia Pacificadoras

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2 CAPÍTULO I FEMINISMO E CIÊNCIA: A RELAÇÃO ENTRE A HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO E AS GEOGRAFIAS FEMINISTAS.....</b>	<b>4</b>
2.1 A Relevância dos Estudos dos Periódicos .....	5
2.2 A Relação entre História do Pensamento Geográfico e Geografias Feministas .....	7
<b>3 CAPÍTULO II CARACTERIZAÇÃO TEMÁTICA E DESCRITIVA DA PRODUÇÃO DAS GEOGRÁFAS NO BOLETIM GEOGRÁFICO .....</b>	<b>14</b>
3.1 A contribuição do Boletim Geográfico Para a Inserção da Mulher na Geografia .....	15
3.2 Análise do Levantamento da Contribuição da Mulher no Boletim Geográfico .....	16
<b>4 CAPÍTULO III GEÓGRAFAS BRASILEIRAS CONSTRUINDO A GEOGRAFIA NO BRASIL .....</b>	<b>36</b>
3.1 A participação Feminina na Construção do Magistério no Brasil .....	37
3.2 A Geografia Física e a Atuação de Geógrafas no Brasil .....	43
<b>5 CONCLUSÕES INICIAIS .....</b>	<b>52</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A História do Pensamento Geográfico é posta como a construção da trajetória do campo científico geográfico. A ciência produzida pode ser referindo-se à ciência anterior, ou em resposta a uma interpretação produzida. Este aspecto é que pode criar casos como o da interpretação das obras do alemão Friedrich Ratzel e do francês Paul Vidal de La Blache, grandes nomes da Geografia Clássica. Assim, críticas epistemológicas são geradas a partir da leitura de uma interpretação dos autores pesquisados e não da leitura das obras originais (RIBEIRO, 2014). A História do Pensamento Geográfico abrange campo de discussões teóricas, filosóficas, institucionais, epistemológicas e metodológicas. Embora sua relevância seja reconhecida entre os geógrafos, existem poucos estudos dedicados aos problemas enfrentados pela geografia em sua trajetória científica, histórica e social (SIEBERT, 2019).

Por essa razão, o estudo de um mesmo assunto por diferentes autores, em diferentes épocas, é primordial. A institucionalização da Geografia brasileira ocorreu em 1930 com a criação dos primeiros cursos universitários, da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e deu-se a partir da Geografia francesa. Como ponto de partida para o desenvolvimento da Geografia brasileira, Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig despontaram como os precursores das discussões geográficas no Brasil (ALMEIDA, 2010).

Na tentativa de concernir esta trajetória, a investigação de periódicos como os do IBGE assume-se como uma alternativa de suma importância. Os dois grandes periódicos do IBGE no século XX foram a Revista Brasileira de Geografia (RBG) e o Boletim Geográfico. Apesar da tradição e estética da RBG, é o Boletim Geográfico que se destaca em termos de quantidade de textos publicados e diversidade de temas. Vale considerar o amplo campo de pesquisa que os periódicos podem oferecer, acreditamos que o Boletim Geográfico poderia ser em maior quantidade objeto de estudo para a Geografia no Brasil. Além de tempo e trabalho, uma pesquisa ampla sobre os periódicos pode resultar em imprecisões e/ou falta de uma conexão que amarre os diferentes períodos da história que as publicações abrangem (SIEBERT, 2019).

Os estudos destes periódicos podem evidenciar quais as influências mais diretas foram recebidas e como elas ajudaram a influenciar a construção da História do Pensamento Geográfico no Brasil e quais autores foram consagrados. A justificativa da presente dissertação reside na originalidade do tema que relaciona História do Pensamento Geográfico e Geografias Feministas. Essa relação tem a capacidade de explicar, o fato de que a Geografia brasileira não é e nunca foi neutra. Todavia, ainda há muito que se estudar sobre a dinâmica destas marginalizações de determinados grupos na intelectualidade.

Ainda que os periódicos sejam considerados um importante veículo de divulgação da Geografia, no Brasil deveríamos considerar como obrigatório a sua plena divulgação entre graduandos e pesquisadores. Entende-se que a recuperação e a valorização desses acervos são imprescindíveis para o desenvolvimento da História do Pensamento Geográfico no país. Pretende-se, também, não somente resgatar uma memória e sim entender que a Geografia sempre deve estar aberta à reconstrução do seu passado com novos olhares.

Para mais, outra justificativa está associada à especificidade da Geografia em um país onde os condicionantes históricos, políticos, econômicos e sociais representam obstáculos na compreensão de um novo modo de fazer Geografia, aonde seja questionado o domínio masculino da ciência geográfica. Torna-se pontual para entender a circulação do conhecimento científico, que não há neutralidade alguma na consagração de alguns e exclusão de outros, mas sim uma estrutura em torno dos autores, textos, métodos e veículos de divulgação e por isso é



necessário analisar os usos políticos da Geografia e como isso pode moldar a História do Pensamento Geográfico.

A partir dos anos setenta as chamadas Geografias Feministas foram fundamentais nas transformações teórico-metodológicas da ciência geográfica embora feministas negras já expressassem suas preocupações em relação à relevância do feminismo para a sociedade, incluindo mulheres, homens e crianças. Os estudos das questões étnicas e raciais se agregaram a este processo já no período em que mulheres pretas eram escravizadas e abusadas sexualmente (hooks, 2019). O crescimento da perspectiva de gêneros, sexualidades, no campo científico geográfico foi resultado da necessidade do grande empenho e luta de mulheres que acompanharam as transformações sociais e econômicas na ciência, cujos papéis de gênero, das discriminações e segregações étnicas e raciais passaram a ter papel fundamental no debate da sociedade contemporânea.

A Geografia, enquanto uma ciência social incorporou esta perspectiva na medida em que compreendeu e incluiu que os variados grupos sociais desenvolvem espacialidades distintas e que a atenção em torno das relações de gênero amplia a capacidade compreensiva do espaço geográfico. Esse horizonte é significativo também para os movimentos de mulheres latino-americanas que incluíram estas perspectivas nos debates em torno de temas como o acesso à terra, à cidade, ao mercado de trabalho, à divisão de riquezas, à justiça ambiental, as instâncias políticas, a mobilidade espacial.

Com intuito de ser objetivo nas informações coletadas a partir do levantamento proposto nesta dissertação, foi necessário optar pela metodologia quantitativa pelo fato de o método quantitativo possibilitar ser mensurado em números, classificados e analisados assim como nesta pesquisa. E a escolha pelo método qualitativo não é traduzida apenas em números, mas sim onde consegue-se verificar a relação da realidade com o objeto de estudo, alcançando interpretações de uma análise indutiva. Estas estratégias de pesquisa que foram escolhidas como metodologia podem ter uma aplicabilidade utilizando-se uma classificação ampla.

A pesquisa quantitativa, no que tange a coleta e ao tratamento das informações coletadas, com objetivo de alcançar resultados que evitem distorções de análise e interpretação, possibilitam uma maior margem de segurança; Já a pesquisa qualitativa tem como papel descrever a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, contribuir no processo de mudança, possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades dos indivíduos (DALFOVO, 2008).

Não obstante, compreender a relação entre a História do Pensamento Geográfico e as Geografias Feministas é necessário como método e problematizador da história da Geografia. Ademais, pretende-se levantar toda a contribuição das mulheres no periódico Boletim Geográfico no período de 1943 a 1978. Entre os objetivos, estão: (a) entender as relações entre a História do Pensamento Geográfico e Geografias Feministas; (b) analisar o papel político que a presença feminina nos periódicos possa ter representado; (c) ampliar a discussão sobre Geografias Feministas na Geografia brasileira; e (d) realizar um levantamento com o quantitativo das publicações das mulheres no Boletim Geográfico no período entre 1943 até 1978.

Em termos metodológicos, a pesquisa refere-se a duas vertentes. De início, na contribuição dos periódicos na Geografia brasileira a partir do periódico Boletim Geográfico. Em um outro lado estão as Geografias Feministas abordando a responsabilidade política da inserção e reconhecimento da mulher na ciência produzida.

A variedade de trabalhos no campo das Geografias Feministas vem colocando em xeque epistemologias machistas e heterossexuais em busca de novas representações teóricas, políticas e sociais (MCDOWELL, 1992; ROSE, 1993; VOLVEY et alii, 2012).

Pretende-se, portanto, legitimar a contribuição das mulheres na construção da Geografia e entender que esta deve estar aberta à reconstrução do seu passado para a modernização da ciência. Urge entender que o Brasil é um dos principais centros de difusão do conhecimento geográfico no continente americano através dos periódicos brasileiros do IBGE. Além disso, outra justificativa está associada à dificuldade de um país periférico onde os condicionantes históricos, políticos, econômicos e sociais representam obstáculos na compreensão da não neutralidade no fazer ciência. O presente debate deve ser entendido como uma necessidade social, que considere os contextos históricos inseridos e instituições de pesquisa, que precisam passar pela análise das estruturas de poder que legitimam o saber e criam as hierarquias científicas. Para entender a legitimação do conhecimento científico torna-se pontual considerar que não há neutralidade na ciência, mas há uma estrutura em torno dos autores, textos, métodos e por isso se faz necessário analisar os usos políticos e como isso pode moldar a História do Pensamento Geográfico.

## **2 CAPÍTULO I**

### **FEMINISMO E CIÊNCIA: A RELAÇÃO ENTRE A HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO E AS GEOGRAFIAS FEMINISTAS**

## 2.1 A Relevância dos Estudos dos Periódicos

O presente capítulo trata um dos maiores questionamentos da Geografia contemporânea: por que a produção da ciência feita por mulheres tem sido invisibilizada na Geografia brasileira? Desse modo, estas questões estão postas como objetivos de uma investigação acerca da difusão do conhecimento geográfico construído por mulheres apresentando um aspecto metodológico com base em dados do periódico Boletim Geográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Com efeito, ao longo do desenvolvimento da pesquisa é fundamental refletir sobre a abrangência das discussões acerca das perspectivas de gênero nas Ciências Sociais em geral e a importância dos periódicos brasileiros.

Toda ciência que tem como objetivo analisar as relações humanas, deve considerar que a humanidade não é linear. A partir da década de 1930 ocorreu o processo de efetivação do saber geográfico no Brasil devido as transformações políticas, sociais, econômicas que o país atravessava. A Geografia, foi institucionalizada com a criação das universidades brasileiras, do Conselho Nacional de Geografia, da Associação dos Geógrafos Brasileiros e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Embora tivesse algumas aparições de atividades científicas no Brasil, o meio intelectual era advindo de modelos europeus e consequentemente excluído para mulheres.

Nesse sentido, com o surgimento dos centros científicos brasileiros, o objetivo era uma mudança nesse perfil e a consolidação da Geografia brasileira. É necessário ressaltar também que a condição colonial periférica determinou a história das ciências no Brasil. No decorrer do século XIX, formou-se um ambiente de disseminação de um discurso geográfico de correntes teóricas vindas da Europa com grande influência. Na contramão do que se acredita, o Brasil já na década de 1940 começava a escrever a vasta História do Pensamento Geográfico através das publicações na Revista Brasileira de Geografia e do Boletim Geográfico, contando com a presença de geógrafos de suma importância para a ciência geográfica bem como a presença de ilustres mulheres que se tornariam grandes nomes na Geografia contemporânea. LOPES afirma que a publicação de um texto em uma revista científica outorga o reconhecimento acadêmico.

A produção sobre publicações científicas converge em assinalar que a publicação de um artigo em uma revista indexada de prestígio nacional ou (de preferência) internacional outorga reconhecimento acadêmico aos autores, legitima sua atividade acadêmica e, fundamentalmente, sustenta a comunicação inter e intrapares em que se baseia o sistema social da ciência. De acordo com Lea Velho, esse é, aliás, o motivo pelo qual geralmente se aceita como uma das normas mais fundamentais da ciência que o pesquisador deve divulgar seus resultados de pesquisa. Pois, a publicação de um resultado de pesquisa, ao ser referendado por seus pares, através de um complexo processo de negociação para se obter consenso, transforma-se em ciência sancionada, em “verdade científica” (PISCITELLI, 2004).

Há algumas décadas as revistas científicas tem um grau de relevância para uma leitura crítica da história da ciência e da política científica. Esta importância já havia sido dita em 1980 pela antropóloga argente Hebe Vessuri quando a autora afirma:

A produção sobre publicações científicas converge em assinalar que a publicação de um artigo em uma revista indexada de prestígio nacional ou (de preferência) internacional outorga reconhecimento acadêmico aos autores, legitima sua atividade acadêmica e, fundamentalmente, sustenta a comunicação inter e intrapares em que se baseia o sistema social da ciência (VESSURI, 2010).

Nesse sentido, é considerado fundamental para um pesquisador divulgar os resultados e progresso de suas pesquisas nas revistas científicas. Pode-se ser entendido como uma forma de

validar aquela ciência construída e divulgada. A construção da história da ciência se dá também através das comunicações, como por exemplo submetendo os avanços alcançados e publicá-las torna-se parte da formação de um pesquisador. Através destas publicações se torna possível a comunicação dentro e fora da atuação de pesquisa de um determinado pesquisador abrindo para novas interpretações, modificações, constatações no campo científico. Desse modo, os periódicos científicos são compreendidos como veículos de comunicação acadêmica.

Nos países não centrais, o problema das publicações acadêmicas é considerado um dos desafios cruciais para o desenvolvimento da capacidade científica nacional e regional. As revistas, que garantem prioridades de temáticas e abordagens, constituem condição indispensável para a efetividade da comunidade como um todo (VESSURI,2010).

Junto com a emergência da independência do Brasil, elaborou-se um discurso sobre unidade nacional que adentrou os primeiros anos da república. Desse modo, esse processo se caracterizou pela dispersão do saber geográfico e pela falta de identidade disciplinar nas instituições e evidentemente sem a participação feminina. Retrato este que se pode averiguar presente nas trajetórias de mulheres que ousaram fazer ciência e não obtiveram o mesmo reconhecimento que cientistas homens.

Entre as nações latino-americanas, o Brasil é considerado bastante ativo no âmbito da construção e análise de indicadores científicos para subsídios de políticas científicas e tecnológicas, e, portanto, também em desenvolver políticas de avaliação de revistas científicas. Nesse sentido, embora tenham se iniciado antes por iniciativa do CNPq, diversos autores apresentam os estudos da FINEP dos anos de 1980 (Programa Setorial de Publicações em Ciência e Tecnologia) como marcos institucionais referenciais para tais estudos de forma mais sistemática no país e na América Latina (PISCITELLI, 2004).

O que antes era dividido em apenas duas grandes áreas da Geografia, com a Nova Geografia as divisões temáticas da disciplina foram redefinidas. Inevitavelmente, em um contexto que remontam as décadas entre os pós Segunda Guerra Mundial e a conjectura da Guerra Fria surgiram questões sociais que marcaram o início de descontentamento da população e a necessidade de uma Geografia social.

Com isso, a Geografia, ao longo das décadas de 1970 e 1980, aumentou seu campo de estudo diversificando as temáticas e suas análises. Diante desse contexto, a partir da década de 1980 torna-se mais latente a necessidade de trazer a problemática de gênero para a geografia. Com efeito, tornou-se necessário explicitar que as relações entre homens e mulheres era um fator de suma importância para estruturar a sociedade. Lopes afirma:

As publicações acadêmicas que veiculam abordagens feministas estão marcadas pela singularidade de estar orientadas por um interesse político específico. Do nosso ponto de vista, esse interesse é o de compreender, denunciar e oferecer elementos para alterar as maneiras como gênero, articulado a outras categorias de diferenciação, incide no posicionamento desigual das pessoas e, de maneira específica, das mulheres, na vida social. Esse interesse político foi alicerçado no marco de uma série de práticas, tais como o trabalho para desmontar hierarquias em todos os planos possíveis, o que exigia alcançar públicos ou audiências, amplos e diversificados. Todavia, o fato de estarem marcadas por interesses políticos feministas não exime essas revistas da integração num sistema social acadêmico ou ciência (PISCITELLI, 2004).

Há um julgamento equivocado, porém comum, de que os periódicos são poucos estudados e até mesmo acessados. Tenori (2001) afirma que os levantamentos compreendendo milhares de cientistas, desde a década de 1970 até o ano 2001, mostram com regularidade que

os artigos de periódicos são considerados pelos cientistas como o mais importante recurso informacional e que são amplamente lidos. Há numerosos estudantes cada vez mais recente que relatam o uso de periódicos científicos pelos pesquisadores de Universidades. Para mais, o uso desses periódicos pode variar de acordo com o campo estudado, mas há uma elucidação que os docentes e discentes das Universidades fazem o uso dos periódicos eletrônicos.

Portanto, nas últimas décadas de estudos e observação acerca dos periódicos é perceptível que as informações contidas nos periódicos possuem muitas finalidades como: leitura, pesquisa, ensino entre outras possibilidades, bem como para os cientistas, no contexto universitário para docentes e discentes. Os periódicos eletrônicos foram e são de grande relevância para o trabalho do pesquisador como uma fonte de referências bibliográficas

A possibilidade de acesso a artigos de periódicos eletrônicos através do uso da internet propicia aos cientistas maior acesso e maior quantidade de leitura a partir de uma maior pluralidade de fontes. Desse modo, finalmente, a informação que os cientistas possuem dos periódicos pode resultar em melhor um desempenho de pesquisas.

## **2.2 A Relação entre História do Pensamento Geográfico e Geografias Feministas**

Ao optarmos por ignorar uma trajetória histórica da geografia, corre-se o risco de minar direções futuras de pesquisas. Portanto, é de suma importância incentivar geógrafos, pesquisadores e alunos a se envolverem criticamente com pensamentos feministas e relacioná-los a História do Pensamento Geográfico e aos debates que estes provocavam.

É necessário mostrar ideias geográficas sem que estas estejam apresentadas como conceitos abstratos, mas sim situadas no tempo, no espaço e no contexto histórico. Isso está para além de construir geógrafos conscientes do legado textual da geografia e seus antecedentes intelectuais, é também sobre torná-los consumidores de autoras mulheres e incentivar a produção de um conhecimento crítico acerca das invisibilidades impostas a intelectuais mulheres.

As Geografias Feministas embora tenham se tornado gradativamente mais conhecidas na ciência na década de 1990, seu marco inicial é partir da década de 1970. Davis (2019) afirma que a terceira onda do movimento feminista deveria direcionar críticas as estruturas acadêmicas que são caracterizadas por uma perspectiva branca, masculina e heterossexual. A teórica feminista bell Hooks indaga em seu livro “E eu não sou uma mulher?” (2016) que poucos estudos confrontam a natureza dos trabalhos anteriores reforçando a tendência sexista e racista dos estudos acadêmicos.

O movimento das mulheres das décadas de 1970 e 1980, denominado como feminismo da segunda onda, foi especificamente um movimento político. Seu objetivo central era modificar as condições vividas por mulheres e reconhecer a necessidade que o feminismo tinha de ser compreendido mundialmente e não somente um movimento isolado no Reino Unido e nos Estados Unidos.

A partir da década de 1980, os primeiros estudos sexados, que depois se refeririam a gênero, rapidamente evoluíram, nos Estados Unidos, da procura e da constatação da ausência das mulheres nas ciências e da busca de suas causas, para as discussões das consequências científicas dessa sub representação histórica. E indo além, para o questionamento da neutralidade de gênero dos próprios critérios que definem o que é científico (LOPES, 1997).

A partir disso surge a teoria feminista como um projeto político e intelectual que objetivava mudanças no cotidiano das mulheres e com intuito também de explicitar o papel que

as discussões sobre ideologias de gênero desempenhavam na organização do feminismo. Com isso, era necessário realinhar os meios tradicionais dos trabalhos acadêmicos desempenhados ao longo da história.

Ao longo da história a Geografia foi ocupada por homens; os homens escreveram textos acadêmicos que obtiveram maior visibilidade e legitimidade, os interesses de homens estruturaram o conhecimento geográfico. Com base em teorias feministas sobre a intersecção de poder e conhecimento, diversos aspectos da dominação do homem na ciência geográfica são discutidos em uma série de temas que trazem abordagens influentes na geografia recente. Há uma perspectiva de crítica da construção histórica do saber. Grupos marginalizados que sofrem com as invisibilidades e apagamentos passaram a ser concebidos como forma de se fazer a Geografia.

A Geografia sexista e racista teve de ser interpretada de outra maneira, na tentativa de compreender a produção de silenciamentos desses grupos marginalizados, sua visão de mundo e suas relações de poder. Diante da consciência de que as geógrafas feministas não podiam fugir à ciência produzida por homens, é necessário lutar contra o domínio masculino e ter consciência da geopolítica do conhecimento estruturada na diferença colonial e sexual epistêmica. (MIGNOLO, 2004).

Com efeito, Gayatri Chakravorty Spivak, teórica feminista indiana, contribuiu para o pensamento feminista com reflexões sobre como o silêncio é imposto a sujeitos não europeus. Há críticas aos fundamentos da epistemologia dominante, que evidencia os saberes que foram produzidos por grupos subalternizados, como as mulheres colonizadas, e pensa a categoria do *outro* afirmando a objeção dos intelectuais contemporâneos em pensar esse *outro* como sujeito.

Spivak afirma, assim como pondera Foucault, que é necessário refletir a existência de um sistema de poder que inviabiliza, impede saberes produzidos por grupos subalternizados.

É impossível para os intelectuais franceses contemporâneos imaginar o tipo de poder e desejo que habitaria o sujeito inominado do Outro da Europa. Não é apenas o fato de que tudo o que leem – crítico ou não – esteja aprisionado no debate sobre a produção desse Outro, apoiando ou criticando a constituição do Sujeito como sendo a Europa. (SPIVAK, 2010)

Diante dessas estruturas da construção dos saberes exposta foram questionadas por parte do movimento feminista, que se desenvolvia também em um engajamento político, contra as desigualdades sociais e no embate contra um conhecimento legitimado na história do pensamento geográfico. Ao analisar conteúdo das ementas das disciplinas que envolvem a discussão de epistemologia da Geografia nos cursos de Pós-graduação em Geografia nas Universidades públicas brasileiras é comum a ausência das chamadas Geografias Feministas, apesar de ela ser quase tão antiga quanto a vertente crítica da Geografia (GIBBONS, 2001). Além disso, nas indicações bibliográficas são escassas as indicações de obras femininas, com raras exceções. (SILVA, 2015)

A década de 1970 foi um marco para a produção científica na geografia devido ao aumento adotado com uma abordagem feminista (SILVA, 2010). Estimulada como movimento pela igualdade das mulheres, com grande influência das teóricas estadunidenses, considerando que todo o conhecimento é socialmente construído e reflete valores. Há diferentes formas de interpretar o papel do gênero na formação de estruturas territoriais, comportamento espaciais e relações humanas com o lugar. Há a crítica da geografia que a experiência masculina é equivalente a experiência humana na descrição empírica da geografia. À medida que a ciência feminista foi sendo realizada por geógrafos e geógrafas surgiram questões de teoria e método.

A produção científica deu holofote às causas das desigualdades e ao conceito de gênero. Desse modo, é possível encontrar relações entre a desigualdade de gênero, classe e raça, que são conceitos indissociáveis para entender as históricas desigualdades produzidas e urge a

necessidade de preocupar-se com a diversidade das experiências femininas em vez de apresentar as mulheres como uma categoria homogênea. Trazer para arena do debate científico geográfico os saberes produzidos pelos ‘condenados da ciência’ (mulheres, negros, homossexuais) de forma emancipatória, significa instituir uma razão decolonial do saber científico e das práticas cotidianas que o sustentam (SILVA, 2015).

Embora alguns estudos concentram-se na desigualdade entre gêneros, outros concedem ênfase ao examinar os lugares que as mulheres criam para suas visões do mundo. Os movimentos feministas, em sua terceira onda, ressurgem nos anos sessenta e setenta mais favoráveis à mobilização social de grupos marginalizados e oprimidos devido a abrangência grupos oprimidos pelo sistema (DINIZ, 2009). Mudanças socioeconômicas favoreceram a mobilização das mulheres brancas, como a entrada no mercado de trabalho e avanço nos níveis de educação, junto a diminuição da taxa de fecundidade e o aumento da expectativa de vida das mulheres.

Estes movimentos ocorreram com intensidades e em períodos diferentes nos países desenvolvidos e nos países da América Latina. Ampliaram-se e passaram a questionar a cultura ocidental branca e masculina. Assim como afirma hooks em “O feminismo é para todo mundo”, a geografia feminista não é geografia das mulheres, porque assim sendo só metade da população deveria ser estudada e somente as mulheres poderiam fazer uma geografia voltada para questões de gênero ignorando os estudos de masculinidades na geografia contemporânea e suas relações com o machismo. A geografia feminista é aquela que embasa as contribuições teóricas do feminismo para explicar determinados fatos geográficos e históricos da sociedade. Trata-se, de explicitar as desigualdades.

A história da Geografia no Brasil mostra que as vozes ouvidas sempre foram masculinas. Os autores mais conhecidos sempre foram homens e isso se comprova com os mapeamentos realizados no Boletim Geográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Todavia, a pesquisa sobre os mapeamentos nos periódicos do Brasil nas décadas de 1930 e 1940, revela o papel fundamental desempenhado por mulheres que se dedicaram à produção de textos. No Brasil, esse movimento emergiu como um meio de expressão para as mulheres, permitindo a entrada destas no mercado de trabalho intelectual. Estudos sobre a atuação de mulheres como autoras revelam as diversas relações de poder existentes nos contextos em que as mesmas passam a ser vistas como intelectuais, conforme publicam trabalhos e cravam discussões sobre diversos aspectos da Geografia.

Nesse contexto, vale ressaltar que, embora sejam invisibilizadas na produção científica, urge entender as relações de gênero para promover um ambiente equânime em termos de oportunidades e de valorização entre homens e mulheres no espaço acadêmico. Compreender que a ciência é produzida por pessoas que trazem suas marcas do tempo e do espaço, bem como suas características pessoais é primordial.

A partir da análise das publicações de artigos nos periódicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, considerando o contexto histórico do campo científico geográfico no Brasil se constata o predomínio de homens na produção desde o final dos anos 1930. Só com a expansão da pós-graduação em Geografia pelo país, iniciada nos anos 1970, diminui gradativamente a disparidade de produção entre os gêneros. Contudo ainda persiste no universo acadêmico o imaginário de supressão da subjetividade, da pluralidade e o domínio simbólico do homem neutro e racional (OLIVEIRA, 2015).

É comum que mulheres, quando ingressam no meio acadêmico, leiam e estudem sobre homens e seus grandes feitos. Este fato, se considerado junto à falta de referências femininas e o domínio masculino atuante de formas e graus diferentes na sociedade, faz com que menos mulheres optem por cursos ditos masculinos (SIEBERT, 2019).

Em termos metodológicos, a pesquisa cerne na relação entre Feminismo e Ciência, apoiado nas Geografias Feministas abordando a responsabilidade política da mulher (SPIVAK,



2010). A variedade de trabalhos no campo das geografias feministas vem colocando em xeque epistemologias machistas e heterossexuais em busca de novas representações teóricas, políticas e sociais (MCDOWELL, 1992; ROSE, 1993; VOLVEY *et al*, 2012). Considerando os exemplos mencionados acerca desta pesquisa pode-se elevar os periódicos brasileiro à categoria de objeto e de método da geografia, que poderá ajudar a refletir sobre o papel político que o Feminismo possui.

Ao longo da história tem sido imposto qual história deve ser contada e com isso excluindo a importância da história de mulheres. O princípio disso é a relevância que tem a trajetória de homens brancos heterossexuais e religiosos. São a eles que a atenção é voltada independentes de seus comportamentos misóginos.

As Geografias Feministas que são associadas à Geografia Humana, não são postas de forma unificada em termos de métodos. Sua designação tem sido reivindicada no plural dada à diversidade que congregam esta vertente do pensamento geográfico. A chamada Geografia Feminista é parte integrante do movimento da ciência geográfica, e sob essa denominação há trabalhos positivistas, marxistas, fenomenológicos e assim por diante. (Silva 2007). Diante disso, embora tenham se tornados mais conhecidas após a década de 1990 no Brasil, em outros lugares do mundo já haviam debates na Geografia sobre Gênero datado próximo a década de 1970.

Vale ressaltar que não há uma teoria crítica única do pensamento feminista. Existem correntes teóricas diversas, que são formuladas a partir de teorias gerais, com objetivo de explicitar como as mulheres ocupam posições subordinadas na sociedade. É recorrente que se faça a rogativa a correntes hegemônicas que denunciem a condição subordinada em que mulheres são submetidas na academia e porque essa realidade perpetua até dias atuais. É de consenso geral que a subalternidade feminina tem como causa principal comportamentos culturais e questões sociais. Desse modo, a crítica feminista posiciona-se em prol da consciência coletiva nas reflexões acerca da realidade de mulheres e das relações de gênero.

As relações de poder são compreendidas de forma não oposicional, mas em feixes de tensionamentos, como se verá na sequência. As estruturas de poder que hierarquizam a sociedade também estão presentes no campo científico como é o caso do gênero. Mesmo com a participação ativa das mulheres no mundo científico, as mesmas ainda estão em desvantagens e por vezes invisibilizadas dessa produção do conhecimento. (SILVA, 2010)

A Geografia Feminista traz críticas direcionadas as estruturadas patriarcais acadêmicas que confrontam a tendência machista do meio acadêmico. A história do pensamento geográfico foi dominada por homens, os textos acadêmicos foram escritos por eles e com isso todo o conhecimento científico geográfico foi legitimado a partir da história contada por homens. Desse modo, é necessário abordagens que tragam reflexões acerca das estruturas machistas, misóginas estabelecidas na ciência geográfica.

Michelle Perrot afirma que mulheres foram destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, como se elas estivessem fora do tempo, ou ao menos, fora do acontecimento. Quando a autora mencionada realiza esse apontamento, ela se referia à produção intelectual que excluía a experiência das mulheres, mas apresentava padrões de comportamento e barreiras políticas que se fazem presente na vida delas. Então a historiadora afirma:

Os homens estão aí. A história dos homens está aí, onipresente. Ela ocupa todo o espaço e há muito tempo. As mulheres sempre foram concebidas, representadas, como uma parte do todo, como particulares e negadas, na maior parte do tempo. Podemos falar do silêncio da História sobre as mulheres. Não é de espantar, portanto que uma reflexão histórica participe dessa descoberta das mulheres sobre elas próprias e por elas mesmas, aspecto de sua afirmação no espaço público [...] porque a emancipação

das mulheres, que diz respeito às relações entre os sexos, é um dos fatos maiores do século XX. E aqueles que se surpreendem, provavelmente não estão a par do desenvolvimento considerável dessa reflexão no mundo ocidental há um quarto de século.

A produção intelectual nas Geografias Feministas tem se debruçado em sobrepujar a ausência das mulheres na produção da história do pensamento geográfico. As formas de conceber a geografia gerou apagamentos e silenciamentos de grupos marginalizados, excluídos da sociedade, por isso urge uma perspectiva crítica de métodos e epistemologias.

É necessário ressaltar as questões implicadas nas relações de gênero no contexto científico geográfico brasileiro a partir do periódico Boletim Geográfico. Desse modo, é trazido a perspectiva epistemológica pautada na ciência como um campo de poder instituído por hierarquias e relações de poder. Os dados comprovam o contrário do que se imagina. A participação de mulheres na contribuição da concretização da ciência geográfica não ocorreu de forma tardia, já que desde a década de 1940 já é possível verificar um texto autoral de uma mulher. Essa contribuição pode ser considerada relativamente uma alta representatividade das mulheres em termos de publicações em um dos principais periódicos brasileiros da Geografia.

Historicamente a ciência é compreendida como um campo de poder hierárquico e hegemônico que privilegia determinados grupos como homens brancos e heterossexuais e invisibiliza grupos minoritários. Urge a necessidade de compreender as implicações no que tange a produção científica geográfica e as relações de gênero como uma maneira de questionar a hegemonia de grupos estabelecidos em detrimento do apagamento da história de mulheres. A sociedade capitalista ocidental faz parte de um dos pilares que sustentam a superioridade masculina e a hierarquização do conhecimento científico de modo a negar que mulheres pretas protagonizassem o meio acadêmico.

O processo de legitimidade social e poder é resultado de relações econômicas e políticas impostas até os dias atuais. O mito da ciência neutra e imparcial auxiliou no processo de quais teorias seriam validadas ao longo da formação da História do Pensamento Geográfico.

A produção intelectual é influenciada por lugares sociais em que estes ocupam e embora a ciência não possua neutralidade alguma ainda assim ela deveria seguir suas bases étnicas e sociológicas. Portanto, a geografia enquanto ciência estabelece um campo de poder de invisibilidade e apagamentos de grupos marginalizados direcionados a raça e gênero. Nesse sentido cabe evidenciar as considerações apresentadas pela professora Joseli Silva, sobretudo quando explica que:

Compreender as ausências, silêncios e invisibilidades do discurso científico é poder reconhecer que essas características não são fruto do mero acaso e sim de determinada forma de conceber e de fazer Geografia. Deste modo, perspectivas teórico-analíticas que tragam inteligibilidade para fenômenos invisibilizados são fundamentais para a emergência de debates salutar e plurais neste campo (SILVA, 2009).

Nesta mesma linha de pensamento, a ausência das histórias sendo contada a partir de grupos minoritários causaram um grande vácuo na História do Pensamento Geográfico, e embora haja alguns avanços é perceptível as dificuldades enfrentadas pela Geografia para formular a espacialidade desses grupos e engendrar a visibilidade de grupos que eram deixados de lado pela Geografia, como mulheres, pessoas negras, e todos os outros que não se enquadram na norma heterossexual que por séculos foram excluídos da produção do saber.

A Geografia branca, masculina e heterossexual legitimou e naturalizou os discursos hegemônicos. Essa ciência hegemônica por vezes nega ou invisibiliza a diversidade dos saberes que compõem as sociedades nas mais diversas espacialidades (Silva, 2009). Embora se debata atualmente em como esta ciência foi responsável pela exclusão de grupos marginalizados. É

evidente que as questões de gênero são temas negligenciados pela academia e até os dias atuais trabalhos acadêmicos voltados para questões de gênero ainda são pouco expressivos, ainda que geógrafas relevantes pesquisem sobre o tema.

As reflexões estabelecidas são decorrentes da influência de intelectuais que há tempos já denunciavam as relações desiguais entre homens e mulheres e o sistema hierárquico nela predominante na sociedade como relata o livro “E eu não sou uma mulher” da autora bell hooks. Todavia, as discussões que obtiveram maior circulação e adesão emergiram na década de 1960 com a segunda onda do feminismo que tinha como objetivo central dar voz a grupos invisibilizados. Ocorreram diversos movimentos feministas com grande adesão que foi de suma importância para que geógrafas aderissem ao movimento em busca da igualdade entre homens e mulheres.

Com objetivo de reconhecer as diferenças entre homens e mulheres, o feminismo surge como um movimento filosófico e com cunho político para expor a necessidade de equivalência em direitos civis e políticos. Nos Estados Unidos, na primeira onda do feminismo, mulheres reivindicavam a igualdade entre gêneros. Embora já houvesse ocorrido o nascimento do feminismo com a primeira onda do movimento muitas reivindicações eram explanadas como: direito ao voto, luta contra discriminação e igualdade em direitos em acesso à educação.

Assim como na década de 1960 muitas reivindicações foram feitas, não foi diferente na Geografia. Geógrafas inglesas e estadunidenses emplacavam reflexões, críticas e debates referentes as questões de gênero em busca da igualdade entre gêneros na Geografia. A indagação feita por estas geógrafas eram acerca de uma geografia voltada para o masculino e a consolidação de metodologias e conceitos que perpetuam na ciência.

Contudo, o movimento feminista em sua terceira onda na década principalmente de 1990 já contagiava geógrafas brasileiras e grande parte da América Latina. Mulheres negras tiveram a oportunidade de protagonizar o movimento como afirma Silva (2009). Desse modo, pode-se entender que este é um ponto inicial para desconfigurar a geografia branca/heterossexual estabelecida por séculos.

As críticas epistemológicas contribuíram para a Geografia Feminista no sentido de abrir caminhos para repensar os apagamentos de raça e sexualidade que foram carregadas pela ciência até os dias atuais. Vale ressaltar que após avanços construídos ao longo de décadas as Geografias Feministas ainda estão em um lugar de menor visibilidade no meio acadêmico. É inegável o gradativo aumento da presença de mulheres na graduação e pós graduação em Geografia, todavia urge a necessidade de condições equânimes. A autora Linda McDowell (1990), afirma que por mais de uma década de esforços das geógrafas feministas, os cargos de maiores prestígios de poder ainda são ocupados por homens. Estas reflexões das autoras comprovam que, embora haja maior ingresso das mulheres nos cursos de Geografia, a representação feminina é menor em cargos de alto grau acadêmico.

Portanto, é inadiável a necessidade de reflexão acerca das influências de homens que ocupam espaços intocáveis e também o lugar de exclusão em que mulheres são postas. A reestruturação da História do Pensamento Geográfico é improrrogável para reformulação dos discursos ditos neutros que produzem a desigualdade entre gênero.

Em sequência, o capítulo 2 será torneado pelo levantamento de textos no periódico Boletim Geográfico pertencente ao IBGE, no recorte temporal de 1943 até 1978 que são os anos de vigência da Revista. Este levantamento se iniciou com a investigação acerca de todas as mulheres que já publicaram no periódico. Nele consta também a separação de temas, quantidade de textos, nome das autoras e décadas com mais publicações.

É pontual a forma como o progresso nesse debate tem grande relevância. Pode-se considerar que tem sido o caso em diferentes concepções para as formas em que a história da geografia e suas bases intelectuais foram narradas por homens. É defendido um envolvimento mais sério com a geografia, em que possa beneficiar não apenas a historiografia da ciência, mas

também a consciência de pesquisadores, professores e alunos e, portanto, o futuro geografia em si. Embora as geógrafas contemporâneas reconheçam o trabalho dos fundadores da disciplina, grande parte do legado textual de autoria de mulheres, muitas vezes entendido como sendo fundamental para o desenvolvimento teórico e intelectual da disciplina, permanece de difícil acesso (SIEBERT, 2019).

Assim, as novas perspectivas em estudos que relacionam Feminismo e Ciência visam abordar uma mudança necessária na sociedade. Posto isso, não é possível ignorar a importância da produção acadêmica construída por mulheres e suas análises para a cultura, seja para contribuição ao ensino da Geografia, circulação do conhecimento geográfico ou integração de sociedades.

No entanto, é colocado em pauta a forma em que a história da geografia é seletiva e escolhe invisibilizar mulheres em detrimento da manutenção de poder de homens brancos heterossexuais. Há uma tendência construída no passado nas ciências em geral em descredibilizar pesquisas e análises realizadas por grandes pensadoras com objetivo de manter o homem intocável e detentor do conhecimento.

### **3 CAPÍTULO II**

#### **CARACTERIZAÇÃO TEMÁTICA E DESCRITIVA DA PRODUÇÃO DAS GEOGRÁFAS NO BOLETIM GEOGRÁFICO**

### 3.1 A contribuição do Boletim Geográfico Para a Inserção da Mulher na Geografia

Os periódicos científicos são uma fonte de informação que tem sido considerada gradativamente mais relevante para cientistas, e seu uso na comunicação científica tem sido um dos debates mais recorrentes na História da Geografia contemporânea e cada vez mais estudados. O valor dos periódicos para os cientistas da ciência geográfica é discutido no Brasil com base nos grandes periódicos do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia pela sua grande importância para a Geografia Ocidental e o modo transnacional com que a geografia brasileira cresceu.

É possível destacar aspectos importantes desses estudos dos periódicos, tais como o volume, tempo de vigência da revista, benefícios obtidos através desses artigos científicos e suas conexões. Desde a década de 1940 os periódicos do IBGE circulam e com isso possibilitam o crescimento da geografia brasileira até de modo internacional.

Atualmente, o uso de periódicos eletrônicos através da digitalização das edições passadas permite que seja possível continuar explorando e apresentando resultados recentes onde se evidencia o enriquecimento das grandes publicações feita por geógrafas e geógrafos de suma importância no contexto da Geografia.

Um importante movimento de resgate histórico e epistemológico de obras e autores considerados fundamentais para a compreensão do processo de institucionalização da ciência geográfica no Brasil. Tal movimento abre caminhos nas mais diferentes direções e temas, permitindo, assim, nas últimas décadas, um importante movimento de resgate histórico e epistemológico de obras e autores considerados fundamentais para a compreensão do processo de institucionalização da ciência geográfica no Brasil. No campo do ensino e da formação de professores, este processo tem possibilitado a reconstrução da história da Geografia enquanto disciplina escolar não apenas tributária da Geografia acadêmica, mas como possuidora de história própria, com elementos de continuidade e descontinuidade em relação à Geografia acadêmica (GIROTTI, 2016).

Com a sua criação em 1943 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a fim de divulgar pesquisas, atividades e contribuir para o avanço científico geográfico no Brasil, disseminar a Geografia que estava sendo feita fora do país e dentro do Brasil, o periódico Boletim Geográfico se tornou um dos principais armazéns da ciência geográfica brasileira, tornando, de suma relevância o entendimento do contexto histórico em que surgiu e sua importância para geografia no Brasil. Nesse sentido, vale ressaltar que sua criação vultosa teve grande pertinência para os estudiosos que já publicavam na década de 1940, e sendo assim conferem a ela a reputação de instrumento político para o reconhecimento das funções do geógrafo. Criado em 1943, com o nome de Boletim do Conselho Nacional de Geografia, os principais periódicos de divulgação do conhecimento geográfico no contexto de institucionalização desta ciência no país (GIROTTI, 2016).

Os periódicos citados contribuíram para a difusão e circulação do conhecimento dando início e resgatando debates teórico-metodológicos que foram de suma importância para o Brasil com a criação dos cursos de nível superior em Geografia. É inegável a grande colaboração de geógrafos inicialmente franceses com a criação dos cursos e estadunidenses mais precisamente com a Geografia Teórica Quantitativa. O estudo destes acervos, agora digitalizados, possibilitam o debate em diversas áreas da geografia com acesso a fontes primárias.

Com o gradativo fim da República Velha, no governo de Getúlio Vargas, na década de 1930, foi marcado pelo empenho do Governo ao mapeamento e uma ocupação mais estratégica do território, com o objetivo de alcançar a modernização e o conhecimento no território brasileiro. Com a criação do Instituto Nacional de Estatística em 1934 e consolidado em 1936, com a criação do Conselho Nacional de Geografia, objetivava coordenar as atividades

estatísticas e parte administrativa do território. Portanto, o Instituto Nacional de Estatística e o Conselho Nacional da Geografia se integram, formando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A construção dos cursos de Geografia em nível superior ocorreu nos anos de 1934 e 1935, respectivamente, em São Paulo e Rio de Janeiro. A formação do IBGE foi consolidada após esse fato com objetivo também de contribuir para o Conselho Nacional de Geografia, já que havia uma certa predominância de engenheiros, e com isso possibilitar que a própria ciência geográfica tivesse sua participação emblemática, e teve como primeiro geógrafo contratado pelo Conselho Nacional de Geografia Orlando Valverde, que marcou sua grande presença nos periódicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

É inegável o empenho por parte do governo de Getúlio Vargas na concretização da Geografia no Brasil, este fato se comprova através da criação do curso de Geografia na Universidade do Brasil, hoje então Universidade Federal do Rio de Janeiro que é referência de excelência tanto na América Latina como no mundo. A conexão entre uma excelente instituição acadêmica e um órgão de pesquisa acarretou na possibilidade de diversos artigos acadêmicos serem produzidos trazendo os holofotes para a produção de conhecimento brasileira. Desse modo, é importante frisar que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística se empenhou em buscar contribuições como de Preston James, Jean Tricart, Pierre Monbeig, Pierre George, Leo Waibel, Pierre Dansereau, Emmanuel de Martonne, entre outros, que era o que a geografia global tinha de mais moderno e conhecimentos imprescindíveis para a geografia brasileira.

O IBGE conduzia o periódico da Revista Brasileira de Geografia inicialmente, e posterior o Boletim Geográfico. Nesse contexto havia a necessidade de difusão e divulgação da produtividade científica geográfica brasileira no periódico. Os objetivos centrais da revista eram divulgar o território nacional, publicar a metodologia geográfica e a metodologia de ensino de geografia. (BARCELOS, 2010).

Nesse contexto, o periódico publicava artigos, comentários, atividades geográficas, contribuição ao ensino, noticiários, relatórios, leis e bibliografia, todavia a partir da década de 1960 o IBGE reduziu algumas edições de contribuição ao ensino, e teve sua atenção voltada aos artigos e noticiários que discutiam temas de geografia urbana com a mudança da capital brasileira para o Centro Oeste, discussões voltada para geografia agrária, econômica, indústria, reforçando sua relevância para a construção do campo científico geográfico brasileiro.

Através do levantamento exposto realizado para esta pesquisa é possível comprovar a participação de mulheres de suma importância para a construção da geografia brasileira como: Therezinha de Castro, Fany Davidovich, Berta Becker, Olga Maria Buarque de Lima, Celeste Rodrigues, Lisia Maria Cavalcanti Bernardes, Olinda Vianna Mesquita, Dora Rodrigues entre outras.

É necessário relatar que já na década de 1940 mulheres publicavam textos no periódico Boletim Geográfico, com seu início em 1944 com Blanca Meires e tem seu ápice de publicações em 1950 com o avanço dos cursos de ensino superior em Geografia embora houvesse ainda grande discrepância entre a participação entre homens e mulheres na ciência geográfica no Brasil.

Com objetivo de trazer visibilidade para as mulheres na ciência geográfica esta pesquisa tem como propósito mapear todo trabalho feito por mulheres publicado no Boletim Geográfico.

### **3.2 Análise do Levantamento da Contribuição da Mulher no Boletim Geográfico**

Nesse sentido, compreende-se que, ainda que sejam minoria na área de pesquisa científica, muitas mulheres deixaram seus nomes marcados na construção da Geografia e promoveram a propagação do conhecimento. Estas pesquisas produzidas por mulheres serviram

de base para o desenvolvimento e continuidade de estudos em diversas áreas. A fim de evidenciar as considerações traçadas mapeamos as publicações feitas por mulheres durante o período de vigência do periódico Boletim Geográfico. Com isso, segue o levantamento realizado com todas as publicações escritas por mulheres no período da década de 1940 até 1970.

**Tabela 1.** Levantamento do periódico Boletim Geográfico com publicações feita por mulheres no período de 1943 a 1978 (continua).

Ano	Título	Autora	Tema
1944_v2_n20	Novos fatos geográficos	Blanca Meires de Botto	Geografia Física
1945_v3_n25	Organização de uma unidade em geografia matemática	Katheryne Thomas Whittemore	Geografia Física
1946_v3_n36	Papel histórico do litoral, do relevo, dos rios e dos climas sobre o povoamento do Brasil	Léa Quintiere	Geografia Física
1946_v4_n37	O fator posição astronômica aplicado no Brasil; Condições climatológicas e suas consequências	Léa Quintiere	Geografia Física
1946_v4_n38	A Penetração pelo rio São Francisco. A criação de gado	Léa Quintiere	Geografia Física
1946_v4_n39	Os problemas da economia nacional – as condições básicas: saneamento; mão de obra e técnica; transportes; combustíveis; crédito – A independência econômica	Léa Quintiere	Ensino
1946_v4_n42	O Brasil no continente americano: os mercados produtores e consumidores	Léa Quintiere	Ensino
1946_v4_n43	Interesses brasileiros na África e na Ásia	Léa Quintiere	Ensino
1947_v5_n53	Áreas de nutrição do Brasil: a área amazônica	Magnólia de Lima	Ensino
1947_v5_n53	A área do nordeste açucareiro – A área do sertão do nordeste	Léa Quintiere	Ensino
1947_v5_n57	Leitura de mapas e de fotografia - blocodiagrama	Léa Quintiere	Ensino
1948_v6_n63	As cidades brasileiras	Conceição Vicente de Carvalho	Urbana
1948_v6_n66	A Amazônia	Magnólia de Lima	Geografia Física
1949_v6_n71	Pródromos de um parque industrial no Brasil	Léa Quintiere	Ensino
1949_v6_n72	As costas do Brasil	Conceição Vicente de Carvalho	Ensino
1949_v7_n73	O vale do Paraíba tem sua história	Léa Quintiere	Ensino
1949_v7_n74	O Brasil precisa de mais agricultores	Conceição Vicente de Carvalho	Ensino
1949_v7_n75	O Nilo	Olga Buarque de Lima	Ensino
1949_v7_n76	O Benô	Conceição Vicente de Carvalho	Ensino
1949_v7_n77	O Mississipi	Conceição Vicente de Carvalho	Ensino
1949_v7_n78	O vale do Paraíba	Olga Buarque de Lima	Ensino



**Tabela 1.** Levantamento do periódico Boletim Geográfico com publicações feita por mulheres no período de 1943 a 1978 (continua).

Ano	Título	Autora	Tema
1949_v7_n79	O Amazonas	Magnólia de Lima	Ensino
1950_v8_n86	Rio Iguaçu	Lísia Bernardes	Geografia Física
1950_v8_n92	A Dialetologia e a Geografia Linguística	Vírginia Cortes de Lacerda	Geografia Linguística
1951_v8_n94	Tendências atuais da pedologia nas regiões tropicais e subtropicais	Stephane Henin	Geografia Física
1951_v8_n94	Os perfis causais	Estela Barbieri	Ensino
1951_v8_n96	Regime pluviométrico do estado do Rio de Janeiro	Lísia Bernardes	Geografia Física
1951_v9_n103	Clima do Brasil	Lísia Bernardes	Ensino
1952_v10_n106	Interpretação do Mapa da Produção de Algodão no Sudeste do Planalto Central	Myriam Gomes Coelho Mesquita	Geografia Física
1952_v10_n107	Comentário do Mapa da Produção de Feijão no Sudeste do Planalto Central Brasileiro	Maria Luisa da Silva Lessa	Geografia Física
1952_v10_n109	Mapa climático do Planalto Central	Ruth Bouchad Lopes da Cruz	Geografia Física
1952_v10_n109	Comentário do Mapa de Densidade de Produção da Mandioca no Sudeste do Planalto Central do Brasil	Beatriz Celia de Mello	Geografia Física
1952_v10_n110	Vegetação e Relevo do Estado da Bahia	Ruth Lopes da Cruz Magnani	Geografia Física
1952_v10_n110	Clima do estado da Bahia	Lísia Bernardes	Geografia Física
1952_v10_n111	Comentário do Mapa de Densidade de População da Bahia em 1940	Ruth Lopes da Cruz Magnani	Geografia Física
1952_v10_n111	Comentário do Mapa de Produção do Cacau no Estado da Bahia	Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra	Geografia Física
1953_v11_n112	Comentário do Mapa da Produção de Mandioca no Estado da Bahia	Ruth Matos Almeida	Geografia Física
1953_v11_n112	Comentário do Mapa da Produção de Fumo na Bahia	Ariadne Soares Souto Mayor	Geografia Física
1953_v11_n113	Comentário do Mapa da Produção de Cana de Açúcar no Estado da Bahia	Ruth Matos Almeida	Geografia Física
1954_v12_n118	Produção do feijão no Brasil Meridional	Maria da Glória de Carvalho Campos	Geografia Física
1954_v12_n122	Comentário do Mapa de Produção do café no estado da Bahia	Ariadne Soares Souto Mayor	Geografia Física
1954_v12_n122	Comentário do Mapa de densidade do rebanho bovino no estado da Bahia	Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra	Geografia Física
1954_v12_n123	Comentário do Mapa da Produção de Côco-da-Bahia no estado da Bahia	Ruth Matos Almeida Simões	Geografia Física
1954_v12_n123	Comentário do Mapa da Produção de mamona na Bahia	Ariadne Soares Souto Mayor	Geografia Física
1955_v13_n124	Comentário do Mapa da criação de caprinos no estado da Bahia	Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra	Geografia Física
1955_v13_n124	Comentário do Mapa de distribuição dos recursos minerais em exploração no estado da Bahia	Ruth Matos Almeida Simões	Geografia Física

**Tabela 1.** Levantamento do periódico Boletim Geográfico com publicações feita por mulheres no período de 1943 a 1978 (continua).

Ano	Título	Autora	Tema
1955_v13_n125	Comentário do Mapa da produção do milho no estado da Bahia	Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra	Geografia Física
1955_v13_n125	Comentário do Mapa de produção de arroz no estado da Bahia	Ruth Matos Almeida Simões	Geografia Física
1955_v13_n125	Clima do Brasil	Lísia Bernardes	Ensino
1955_v13_n126	Divisão regional do Brasil	Lísia Bernardes	Ensino
1955_v13_n127	Navegação marítima, fluvial e aérea no estado da bahia	Ruth Matos Almeida Simões	Geografia Física
1955_v13_n128	Traços gerais sobre o relevo e o litoral do Brasil	Ariadne Soares Souto Mayor	Ensino
1956_v14_n133	Geografia política e geopolítica	Terezinha de Castro	Geopolítica
1956_v14_n134	Notas sobre o clima o sul do Brasil	Ruth Matos Almeida Simões	Geografia Física
1956_v14_n135	A propósito do ensino e programa de Geografia no curso de jornalista	Maria Magdalena Vieira Pinto	Ensino
1957_v15_n136	Densidade da população do Brasil em 1950	Ruth Lopes da Cruz Magnani	Geografia da população
1957_v15_n136	Estudos de Geografia urbana	Eloísa de Carvalho	Ensino
1957_v15_n137	Vias de comunicação no Brasil	Ruth Lopes da Cruz Magnani e Hugenia Egler	Comunicação
1957_v15_n138	Cidades do Brasil	Maria Luisa Lessa de Curtis	Geografia Urbana
1957_v15_n140	A produção mineral no Brasil	Marília Uzeda Praça	Geografia Física
1957_v15_n140	No Céu, como na Terra, Também Existem Rochas	Lea Braga Curvelo	Geografia Física
1958_v16_n142	Antártica – o assunto do momento	Terezinha de Castro	Geografia Física
1958_v16_n145	Atividades econômicas da região sul	Lourdes Manhes de Mattos Strauch	Geografia Econômica
1958_v16_n145	O ensino de geografia	Eddy Flores Cabral	Ensino
1958_v16_n146	Aspectos regionais da geografia dos Estados Unidos	Maria Teresinha Segadas Soares	Ensino
1959_v17_n148	Aspectos da geomorfologia do Brasil	Maria do Carmo Galvão	Ensino
1959_v17_n149	Aplicação de classificações climáticas ao Brasil	Lísia Bernardes	Geografia Física
1959_v17_n149	O “habitat” rural do Brasil	Elza Keller	Geografia Física
1959_v17_n150	Antártica o assunto do momento	Terezinha de Castro	Geografia Física
1959_v17_n151	Atualidades geográficas	Maria Magdalena Vieira Pinto	Ensino
1959_v17_n152	República das Filipinas	Terezinha de Castro	Geografia Física
1959_v17_n153	Os misteriosos meteoros	Lea Braga Curvelo	Geografia Física
1960_v18_n154	Elementos para o estudo geográfico das cidades	Lísia Bernardes	Geografia Urbana
1960_v18_n154	Recursos Minerais do Saara	Terezinha de Castro	Geografia Física

**Tabela 1.** Levantamento do periódico Boletim Geográfico com publicações feita por mulheres no período de 1943 a 1978 (continua).

Ano	Título	Autora	Tema
1960_v18_n154	Planos de desenvolvimento do programa mínimo	Maria Magdalena Vieira Pinto	Ensino
1960_v18_n155	Atualidades geográficas	Maria Magdalena Vieira Pinto	Ensino
1960_v18_n156	Portugal	Terezinha de Castro	Geografia Física
1960_v18_n156	Notas de didáticas da geografia	Eloísa de Carvalho	Ensino
1962_v20_n166	Programa de Geografia humana	Elza Coelho de Souza Keller	Ensino
1962_v20_n167	Objetivos do ensino de geografia na escola secundária	Laila Coelho de Almeida	Ensino
1962_v20_n169	Aplicação de classificações climáticas no Brasil	Lisia Bernardes	Ensino
1962_v20_n170	Caracteres fisiográficos do estado do Rio Grande do Norte	Celeste Rodrigues	Geografia Física
1963_v22_n175	As atividades extraclasses no ensino da geografia	Myrthes de Luca Wenzel	Ensino
1964_v22_n178	Subsídios para uma nova divisão política do Brasil	Amélia Teixeira Guerra	Geografia Regional
1964_v22_n178	Orientação metodológica para uso escolar do atlas geográfico escolar	Maria Magdela Vieira Pinto	Ensino
1964_v22_n180	Toponimos geográficos de Minas Gerais	Berta Alves Campelo	Geografia Física
1964_v22_n180	O ensino de geografia em face a lei de diretrizes e bases	Maria Magdalena Vieira Pinto	Ensino
1964_v23_n182	Glossário de termos cartográficos português inglês	Mary S. Killgore	Ensino
1965_v24_n184	Notas sobre a cidade do Rio de Janeiro	Terezinha de Castro	Geografia Urbana
1965_v24_n184	Natureza e características da História e da Geografia	Amélia Domingues de Castro	Ensino
1965_v24_n185	A geografia aplicada	Anna Carvalho	Geografia Física
1965_v24_n185	O distrito federal e as regiões geoeconômicas	Maria Magdalena Vieira Pinto	Geografia Econômica
1965_v24_n186	Quatrocentos anos de beleza	Lygia Fagundes Talles	Geografia Histórica
1965_v24_n186	Conceito de região natural e sua aplicação na divisão regional do Brasil	Maria Luísa Picena	Geografia Regional
1965_v24_n188	Geografia das relações internacionais	Terezinha de Castro	Geopolítica
1965_v24_n189	O museu de geografia	Cacilda Pereira Fernandes	Ensino
1965_v24_n189	Nova Zelândia	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Ensino
1966_v25_n190	Espanha	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Ensino
1966_v25_n191	Colômbia	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Ensino
1966_v25_n193	Considerações sobre planejamento	Doris Maria Muller	Geografia regional
1966_v25_n193	Marrocos	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Ensino
1966_v25_n195	Origens das populações do Vale do Paraíba do Sul	Alexandra Ortopan	Geografia da População

**Tabela 1.** Levantamento do periódico Boletim Geográfico com publicações feita por mulheres no período de 1943 a 1978 (continua).

Ano	Título	Autora	Tema
1966_v25_n195	Ilha da Madeira	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Ensino
1967_v26_n196	Carlos Ritter	Josefina Ostuni	Geografia Histórica
1967_v26_n197	Roberto Almagia	Eugenia Bevilacqua	Geografia Histórica
1967_v26_n198	Áustria	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Geografia Física
1967_v26_n200	Monopólio do sal no Brasil: transporte	Regina Lopes Teixeira	Transporte
1967_v26_n200	Aracaju: evolução e crescimento	Terezinha de Castro	Geografia Histórica
1967_v26_n201	Notas sobre o petróleo de Carmópolis	Terezinha de Castro	Geografia Histórica
1968_v27_n202	A expansão do espaço urbano e crescimento do aglomerado do Rio de Janeiro	Maria Francisca T. Cavalcanti Cardoso	Geografia Urbana
1968_v27_n202	Arquipelago de Açores	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Ensino
1968_v27_n202	O problema da divisão regional do Brasil	Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra	Ensino
1968_v27_n202	Índice de juventude da região leste meridional	Elisabeth Fortunata Gentile	Geografia da População
1968_v27_n203	Mapeamento geomorfológico da bacia do rio cabucu através de fotografias aéreas	Maria Edith Ribeiro Dantas	Geografia Física
1968_v27_n203	A organização interna das cidades brasileiras segundo seu estágio de desenvolvimento	Maria Therezinha de Segadas Soares	Geografia Urbana
1968_v27_n203	Três principados europeus	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Ensino
1968_v27_n204	Gráficos de elementos do clima – população e produção	Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra	Ensino
1968_v27_n206	Nova indústria de base – Álcalis	Terezinha de Castro	Geografia da Indústria
1969_v28_n208	Excursão Geológica e petrográfica na serra da Carioca	Rita Alves Barbosa	Ensino
1969_v28_n210	Interligação dos núcleos populacionais	Lysia Bernardes	Geografia da População
1969_v28_n210	Mato Grosso	Élvia Roque	Ensino
1970_v29_n215	A climatologia tradicional e dinâmica	Lucy Galego	Ensino
1970_v29_n215	Equipamentos terciários do setor de serviço	Maria Francisco Thereza Cardoso	Ensino
1970_v29_n216	Relações da indústria com o espaço geográfico	Fany Davidovich	Ensino
1970_v29_n218	Recifes de arenito de Salvador, Bahia	Yeda de Andrade Ferreira	Geografia Física
1971_v30_n221	A Amazônia	Clara Pandolfo	Geografia Física
1971_v30_n221	Características dos pedimentos nas regiões quentes e úmidas	Margarida Maria Penteado	Geografia Física

**Tabela 1.** Levantamento do periódico Boletim Geográfico com publicações feita por mulheres no período de 1943 a 1978 (continua).

Ano	Título	Autora	Tema
1971_v30_n223	Planejamento de transporte e análise de redes: um conjunto de modelos espaciais	Lalita Sen	Transporte
1971_v30_n223	Análise e interpretação das cartas 1:50 000 – Folhas paraíba do sul e Três Rios	Celestre Rodrigues	Ensino
1971_v30_n225	Maceió e sua área de influência	Hilda da Silva, Maria Emília de Castro Botelho, Maria Helena Salles Moreira e Lúcia Brandão	Geografia Física
1972_v31_n229	Explicação das diferenças salariais entre as grandes cidades brasileiras	Marileine Lockheed katz	Urbana
1972_v31_n229	Aspecto da economia amazônica a época da depressão (1920-1940)	Beatriz Célia C. de Mello Petey	Econômica
1972_v31_n230	A cidade de Teresina	Amélia Alba Nogueira Moreira	Urbana
1972_v31_n231	O espaço regional de Teresina	Amélia Alba Nogueira Moreira	Regional
1973_v32_n232	A serrecultura em São Paulo	Yara Maria Marinho da Costa	Geografia Física
1973_v32_n233	Proterra- Justificativa para sua aplicação nas áreas proprietárias da Amazônia	Catharina Vergolino Dias	Regional
1973_v32_n235	Migração Problema e crescimento urbano no Distrito Federal Brasileiro	Ignez Costa Barbosa	Urbana
1974_v33_n241	A utilização de métodos de multivariáveis na análise geográfica regional	Lauri Hautamaki	Regional
1974_v33_n241	Abordagem geográfica ao problema das desigualdades regional e desenvolvimento nos países em desenvolvimento- um estudo de caso na Índia	Galina V. Sdasyuk	Regional
1974_v33_n241	Contribuição ao estudo de padrões de consume alimentar urbano: o consumo de leite na Guanabara	Berta Becker, Ana Maria de Souza Bicalho, Angélica Alves Magnago, Leila Christina Dias e Márcia Schornbaum	Urbana
1974_v33_n241	Roteiro geológico de Uberaba	Rita Alves Barbosa	Geografia Física
1974_v33_n242	Cidade satélites: organização do espaço urbano no Distrito Federal	Ignez Costa Barbosa	Urbana
1974_v33_n242	Brasília e sua Periferia: problemas de relacionamento	Ignez Costa Barbosa	urbana
1974_v33_n242	As correntes migratórias para o Distrito Federal: aspectos socioeconômicos	Ignez Costa Barbosa	Urbana
1974_v33_n242	Antigas capitais do café	Laura Regina Mendes	Geografia Física
1974_v33_n242	O retorno do café as antigas áreas produtoras de café	Lúcia Helena de Oliveira Gerardi e Therezinha Ferreira	Agrária
1975_v34_n244	População urbana gaúcha – subsídios para um estudo geográfico	Gisela Copstein	Urbana
1975_v34_n244	A utilização da topologia agrícola na definição do uso potencial da terra	Victória Tuyama	Geografia Física

**Tabela 1.** Levantamento do periódico Boletim Geográfico com publicações feita por mulheres no período de 1943 a 1978 (conclusão).

Ano	Título	Autora	Tema
1975_v34_n245	Um povoamento pioneiro planejado no sul do Brasil: Toledo	Keith Derald Muller	Geografia Histórica
1975_v34_n246	Circulação intermunicipal de ônibus e de sistemas de localidades centrais: um teste	Marlene P. V. Teixeira	Transporte
1975_v34_n246	As dimensões diferenciadoras e os padrões espaciais de lavouras e rebanhos do sul do Brasil	Olindina Vianna	Geografia Física
1975_v34_n246	As necessidades urbanas mínimas	Gisela Copstein	Urbana
1975_v34_n247	Considerações sobre índices térmicos e hídricos e sua utilização para a caracterização climática do espaço	Maria Juraci Zani dos Santos	Geografia Física
1976_v34_n249	Os processos de organização espacial da cidade: aplicação de conceitos teóricos à área central do Rio de Janeiro	Edith Gama Beloch, Maria Cristina V. Pereira e Nina de Thereza Pereira Rennó	Urbana
1976_v34_n249	A meteorologia da paisagem nas áreas de planície	Joana Kollmorgen	Geografia Física
1976_v34_n250	Mudanças de população: um estudo de pequenas cidades no estado do Maranhão, Pernambuco e São Paulo no Brasil	Hilda da Silva	Urbana
1976_v34_n250	A natureza política habitacional para grupo de baixa e média renda no Rio de Janeiro e seus efeitos no modelo residencial da periferia cidade	Hilda da Silva	Urbana
1977_v35_n254	Aplicação de uma análise fatorial para estudo de organização agrária na Paraíba e em Pernambuco	Elvia Roque Steffan e Maria Socorro Brito	Geografia Física
1977_v35_n255	Estudo morfológico do litoral e das baixadas do nordeste brasileiro	Celeste Rodrigues Maio	Geografia Física
1976_v34_n250	A cidade de São Luís	Elza Freire Rodrigues	urbana
1978_v36_n258_259	Contribuição para identificação dos principais padrões diferenciadores do uso da terra com lavouras e rebanhos no sudeste do Brasil	Ieda Ribeiro Léo e Telma Suely A. de C. Senra	Geografia Física
1978_v36_n258_259	Contribuição ao estudo da erosão dos solos agrícolas no Brasil	Neide de Oliveira de Almeida, Josilda R. da S. de Moura e Iracilde Moura Fé Lima	Geografia Física
1978_v36_n258_259	Alelopatia e Defesa em plantas	Zélia Lopes da Silva	Geografia Física

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

Após a realização do mapeamento completo é possível verificar que o primeiro registro de uma publicação de artigo publicado por uma mulher foi no ano de 1944, volume 2, número 20, por Blanca Meires com texto intitulado “Novos fatos Geográficos”. Após esta iniciativa foram registrados mais cento e sessenta e dois textos ao longo dos trinta e seis anos de vigência do periódico. No decorrer do mapeamento nota-se a presença de mulheres inéditas com grandes participações em importantes momentos históricos como Lísia Bernardes, Therezinha de Castro, Berta Becker entre outras.

Desde a inauguração do periódico até seu encerramento o Boletim Geográfico passou por contextos históricos distintos como: Ditadura do Governo Vargas, Governo de Juscelino

Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart até a Ditadura Militar. É possível perceber que cada momento da Revista, de certo modo, segue as diretrizes do momento solicitado pelos governos.

Assim, de início a primeira preocupação era voltada para o território brasileiro e a preocupação governamental com os espaços vazios. Ademais, no Governo de Juscelino Kubitschek havia uma grande atenção voltada para a urbanização através do desejo de mudar a capital do Brasil de estado. No governo de João Goulart e Jânio Quadros tinha o objetivo inicial de começar o plano de reforma agrária no Brasil, ainda que este plano não ganhasse vida, as atenções também foram voltadas para a agricultura e por fim com a vigência do Golpe Militar em 1964 há inclinações para o planejamento territorial e a ocupação com terrenos vazios.

Desse modo nota-se a importância do mapeamento para análises históricas e geográficas sobre o Brasil. É importante analisar como as mulheres participaram ativamente da construção da ciência brasileira.

**Tabela 2.** Quantidade de textos por décadas

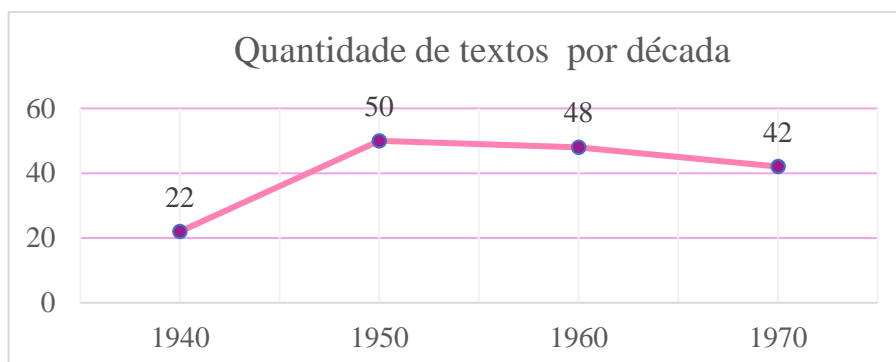
<b>Década</b>	<b>Quantidade de textos</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
1940	22	19,8%
1950	50	14,5%
1960	48	12%
1970	42	17%
<b>Total</b>	<b>162</b>	

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

A partir da análise da Tabela 2, compreende-se que, com total de 162 publicações, houve uma expressiva participação feminina conforme evidenciado. Os textos foram separados por décadas com intuito de facilitar análises de contexto histórico. Desse modo, é possível concluir que há expressiva participação feminina desde a década de 1940 no Boletim Geográfico.

Na década de 1950, já com a criação dos cursos de graduação em Geografia, nota-se a maior aparição de mulheres no periódico com total de cinquenta textos distribuídos ao longo de toda década. Já na década de 1960 é registrado dois textos a menos que na década de 1950, no total de quarenta e oito textos. Em 1970 o periódico tem apenas 8 anos de vigência, apesar deste fato ainda é registrado números expressivos de textos publicados por mulheres, com total de quarenta e dois textos.

Com efeito, a fim de viabilizar uma visualização mais assertiva acerca da quantidade de textos publicados durante o período compreendido entre os anos 1940 e 1970, compreende-se que houve um salto de 22 para 50 textos, entre os anos 1940 e 1950. Todavia, após esse período assiste-se uma redução de 48 para 42 textos, entre os anos 1960 e 1970 (Figura 1).



**Figura 1.** Quantidade de textos publicados no período de 1943 a 1978.

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

**Tabela 3.** Quantidade de temas abordados no periódico no período de 1943 a 1978

Temas	Porcentagem
Geografia Física	38,3%
Contribuição ao Ensino	32,7%
Geografia Urbana	11,7%
Geografia Regional	4,3%
Geografia Histórica	3,70
Geografia da população	2,4%
Geografia Econômica	1,8%
Transporte	1,8%
Geopolítica	1,2%
Geografia Linguística	0,61%
Comunicação	0,61%
Geografia da Indústria	0,61%
Agrária	0,61%

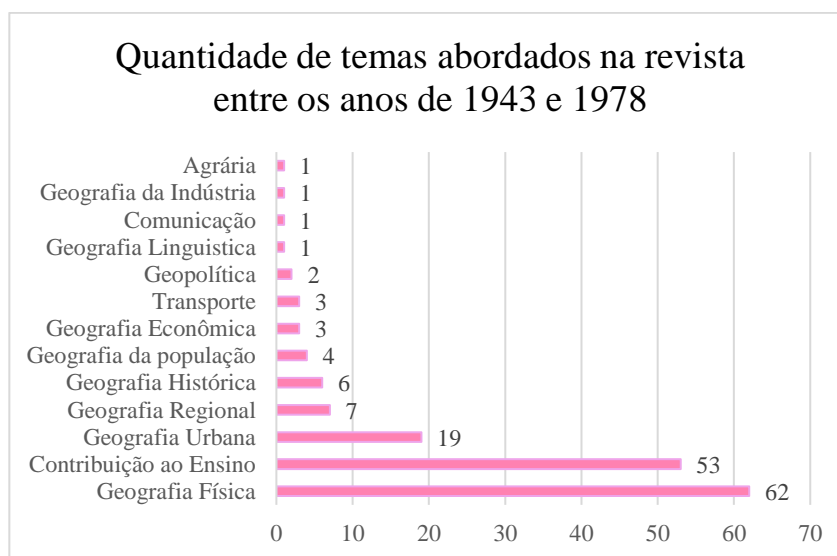
Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

Ademais, através da análise da Tabela 3 pode-se compreender os temas que foram abordados por mulheres que publicaram no periódico Boletim Geográfico durante todo o seu tempo de vigência. Posto isso, entende-se que possui grande relevância para a pesquisa por possibilitar a análise de temas que já foram abordados no periódico e com isso facilitar a compreensão dos contextos históricos marcados pela ciência geográfica. Com base no levantamento, Geografia Física é registrado em maior aparição, que tem como grande destaque análises de paisagens brasileiras, geomorfologia, climatologia, hidrografia entre outros subtemas. Pode-se entender que estes temas possuem grande importância desde a formação da



Geografia e foi uma preocupação governamental compreender o território brasileiro até então desconhecido.

Em seguida, com 52 textos, aparecem os textos de Contribuição ao Ensino que pode contar com a produção feita por grandes mulheres. É necessário ressaltar a importância dos temas que tinham como objetivo contribuir ao ensino geográfico brasileiro. Com grande aparição após estes dois temas se apresenta Geografia Urbana em um contexto de mudança de capital no Brasil e com o crescimento de áreas urbanizadas em grandes cidades. Nesse contexto, também tem importantes aparições de subcampos da Geografia como Geografia Regional, História da Geografia, Geografia da População entre outros. Segue abaixo a Figura 2 com a ilustração dos quantitativos de temas.



**Figura 2.** Quantidade de temas abordados publicados por mulheres ao longo do período de vigência do Boletim Geográfico

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

Nesse sentido, foi de extrema relevância realizar o levantamento que minuciava quem foram as autoras que tiveram participação na construção de um periódico que marcou a Geografia acadêmica, escolar e se tornou um centro de difusão do conhecimento na América Latina. Desse modo, segue abaixo a Tabela 4 com todos os nomes de mulheres que já publicaram no Boletim Geográfico no período de 1943 a 1978.

**Tabela 4.** Levantamento de todas as mulheres que publicaram no periódico no período de 1943 entre 1978 (continua).

<b>Autora</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
Terezinha de Castro	6,79%
Léa Quintiere	6,17%
Lísia Bernardes	6,17%
Marília Wilma de Oliveira Veiga	4,93%
Ruth Matos Almeida Simões	4,32%
Maria Magdalena Vieira Pinto	4,32%
Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra	3,70%
Conceição Vicente de Carvalho	3,08%
Ignez Costa Barbosa	2,46%
Ariadne Soares Souto Mayor	2,46%
Ruth Lopes da Cruz Magnani	2,46%
Magnólia de Lima	1,85%
Celeste Rodrigues	1,85%
Hilda da Silva	1,85%
Olga Buarque de Lima	1,23%
Gisela Copstein	1,23%
Rita Alves Barbosa	1,23%
Eloísa de Carvalho	1,23%
Amélia Alba Nogueira Moreira	1,23%
Élvia Roque	1,23%
Lea Braga Curvelo	1,23%
Blanca Meires de Botto	0,61%
Katheryne Thomas Whittemore	0,61%
Vírginia Cortes de Lacerda	0,61%
Stephane Henin	0,61%
Estela Barbieri	0,61%
Maria da Glória de Carvalho Campos	0,61%
Myriam Gomes Coelho Mesquita	0,61%
Maria Luisa da Silva Lessa	0,61%
Ruth Bouchad Lopes da Cruz	0,61%
Beatriz Celia de Mello	0,61%
Hugenia Egler	0,61%
Maria Luisa Lessa de Curtis	0,61%
Marília Uzeda Praça	0,61%
Lourdes Manhes de Mattos Strauch	0,61%
Eddy Flores Cabral	0,61%
Maria Teresinha Segadas Soares	0,61%
Maria do Carmo Galvão	0,61%
Elza Keller	0,61%
Elza Coelho de Souza Keller	0,61%
Laila Coelho de Almeida	0,61%
Myrthes de Luca Wenzel	0,61%
Amélia Teixeira Guerra	0,61%
Berta Alves Campelo	0,61%
Mary S. Killgore	0,61%
Amélia Domingues de Castro	0,61%
Anna Carvalho	0,61%
Lygia Fagundes Talles	0,61%
Maria Luísa Picena	0,61%
Cacilda Pereira Fernandes	0,61%
Doris Maria Muller	0,61%
Josefina Ostuni	0,61%
Eugenia Bevilacqua	0,61%

**Tabela 4.** Levantamento de todas as mulheres que publicaram no periódico no período de 1943 entre 1978 (conclusão).

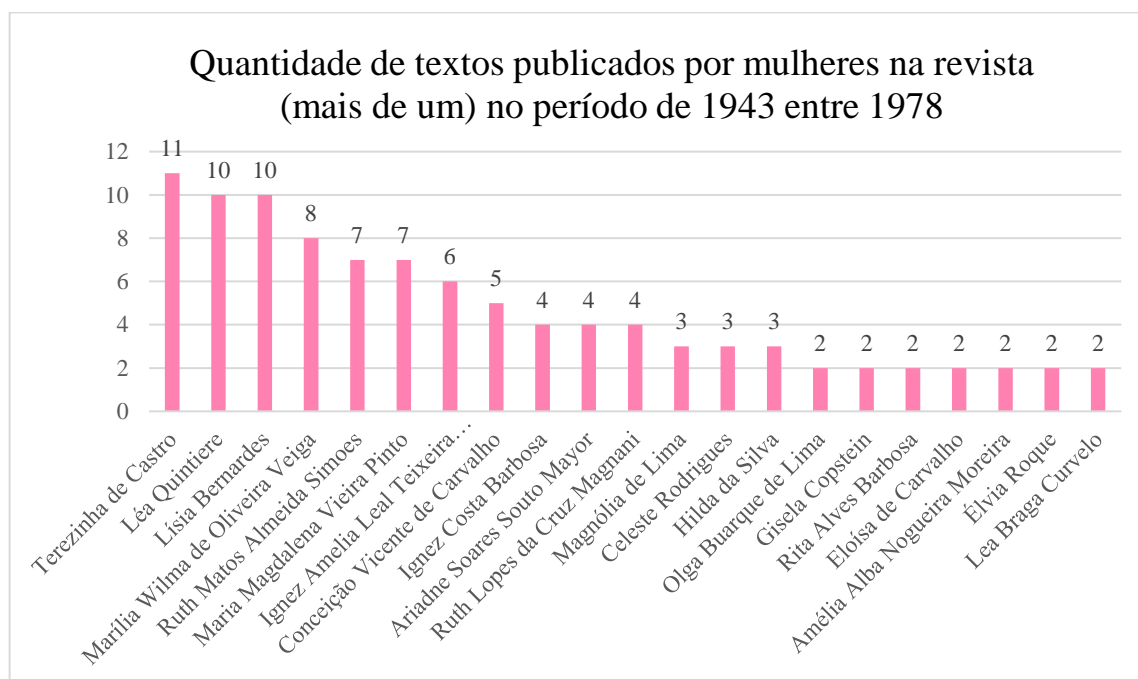
<b>Autora</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
Regina Lopes Teixeira	0,61%
Maria Francisca T. Cavalcanti Cardoso	0,61%
Elisabeth Fortunata Gentile	0,61%
Maria Edith Ribeiro Dantas	0,61%
Maria Therezinha de Segadas Soares	0,61%
Maria Francisco Thereza Cardoso	0,61%
Fany Davidovich	0,61%
Yeda de Andrade Ferreira	0,61%
Clara Pandolfo	0,61%
Margarida Maria Penteado	0,61%
Lalita Sen	0,61%
Maria Emília de Castro Botelho	0,61%
Maria Helena Salles Moreira e Lúcia Brandão	0,61%
Marileine Lockheed katz	0,61%
Beatriz Célia C. de Mello Petey	0,61%
Yara Maria Marinho da Costa	0,61%
Catharina Vergolino Dias	0,61%
Lauri Hautamaki	0,61%
Galina V. Sdasyuk	0,61%
Berta Becker	0,61%
Ana Maria de Souza Bicalho	0,61%
Angélica Alves Magnago	0,61%
Leila Christina Dias	0,61%
Márcia Schornbaum	0,61%
Laura Regina Mendes	0,61%
Lúcia Helena de Oliveira Gerardi	0,61%
Therezinha Ferreira	0,61%
Victória Tuyama	0,61%
Keith Derald Muller	0,61%
Marlene P. V. Teixeira	0,61%
Olindina Vianna	0,61%
Maria Juraci Zani dos Santos	0,61%
Edith Gama Beloch, Maria Cristina V. Pereira	0,61%
Nina de Thereza Pereira Rennó	0,61%
Joana Kollmorgen	0,61%
Elvia Roque Steffan	0,61%
Maria Socorro Brito	0,61%
Elza Freire Rodrigues	0,61%
Ieda Ribeiro Léo	0,61%
Telma Suely A. de C. Senra	0,61%
Neide de Oliveira de Almeida	0,61%
Josilda R. da S. de Moura	0,61%
Iracilde Moura Fé Lima	0,61%
Lucy Galego	0,61%
<b>Total</b>	<b>162 publicações</b>

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

É necessário frisar a importância da conclusão do mapeamento acima, que contém os nomes de todas as mulheres que marcaram seus nomes na construção da Geografia desde a

década de 1940, e que por direito devem obter a devida visibilidade e reconhecimento na produção do conhecimento. Em primeiro lugar está Therezinha de Castro com onze textos publicados e em seguida Léa Quintiere e Lísia Bernades com dez textos publicados.

Com o avanço das pesquisas no que tange a participação das mulheres na construção do IBGE é possível encontrar nomes de mulheres que estão presentes nesse mapeamento como: Marília Wilma de Oliveira Veiga, Ruth Matos Almeida Simões, Maria Magdalena Vieira Pinto e mais noventa e uma mulheres. De forma ilustrativa segue a Figura 3.

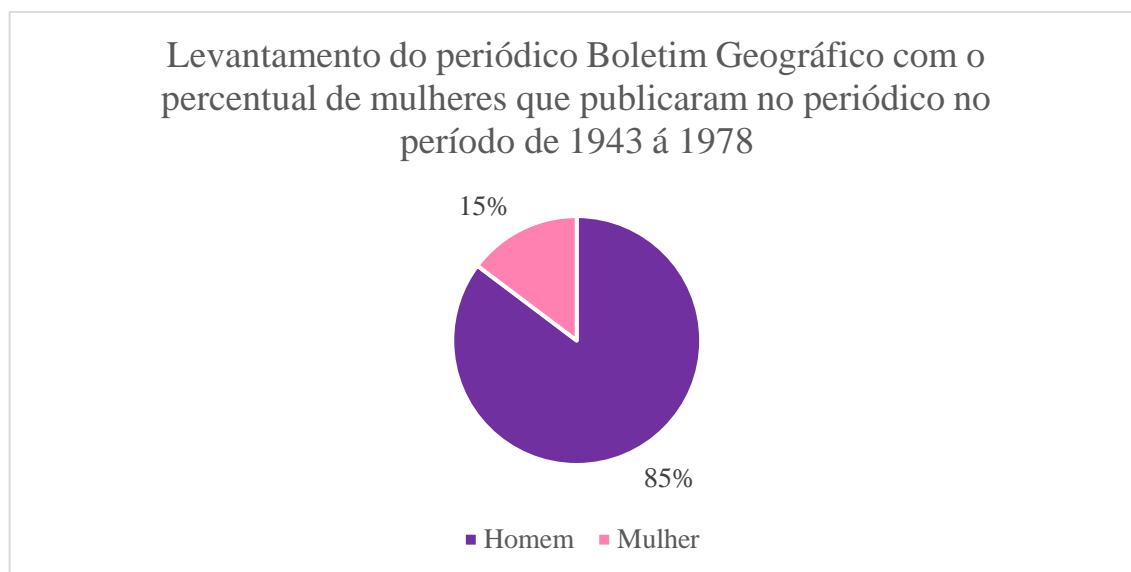


**Figura 3.** Quantidade de textos publicados por mulheres no Boletim Geográfico

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico.  
Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

Após o término do mapeamento completo foi possível contabilizar o total de 98 mulheres diferentes que tiveram seus textos publicados ao longo dos anos de vigência do Boletim Geográfico com seu encerramento em 1978. Vale ressaltar a importância dessas 98 mulheres que contribuíram para o fortalecimento da Geografia como ciência no Brasil.

Com isso, o gráfico 8 ilustra que 15% de todo o material produzido foi realizado por mulheres. Ainda que se questione que 15% não seja um número expressivo, na prática devemos considerar como um grande feito por estas mulheres, visto que na década de 1940 haviam maiores obstáculos para o ingresso feminino nas instituições de ensino e principalmente sua entrada nos meios institucionais.



**Figura 4.** Quantidade total de mulheres que publicaram no Boletim Geográfico no período de 1943 a 1978.

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

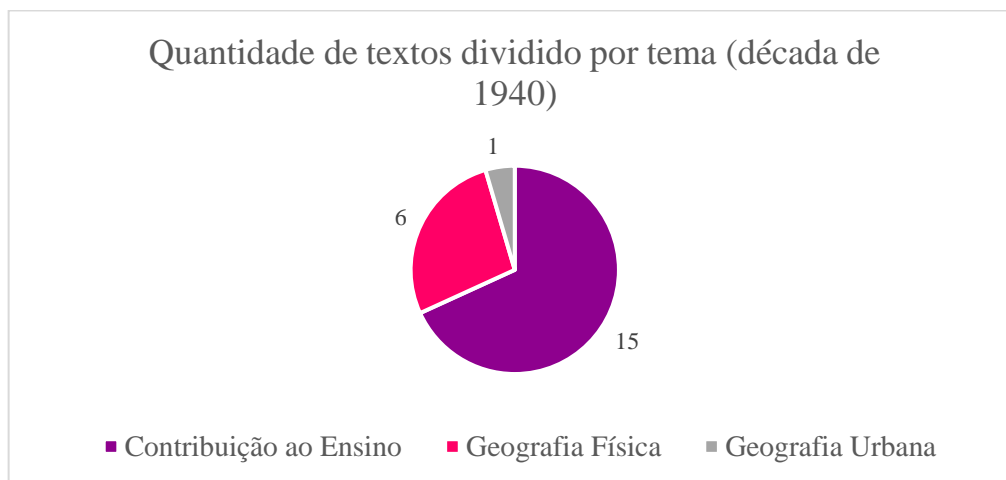
Nesse sentido, foi realizado também a separação de temas abordados no periódico Boletim Geográfico por décadas com objetivo de compreender o direcionamento científico e governamental de acordo com os contextos históricos. Sendo assim, esta divisão dos temas pode ser entendida como uma divisão cronológica dos acontecimentos estudados tanto para a Geografia como ciência quanto para a compreensão do território brasileiro em uma conjuntura que se sabia pouco sobre toda a potencialidade do Brasil. Essa fragmentação tem o objetivo a fim de facilitar a compreensão e análise dos eventos históricos, e inegavelmente, é um importante método de estudo para as ciências sociais.

**Tabela 5.** Temas separados na década de 1940.

Década de 1940	
Temas	Porcentagem
Contribuição ao Ensino	68,18%
Geografia Física	27,27%
Geografia Urbana	4,54%

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

Segue a Figura 5 com a quantidade de temas mais registrados na década de 1940:



**Figura 5.** Temas separados na década de 1940

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

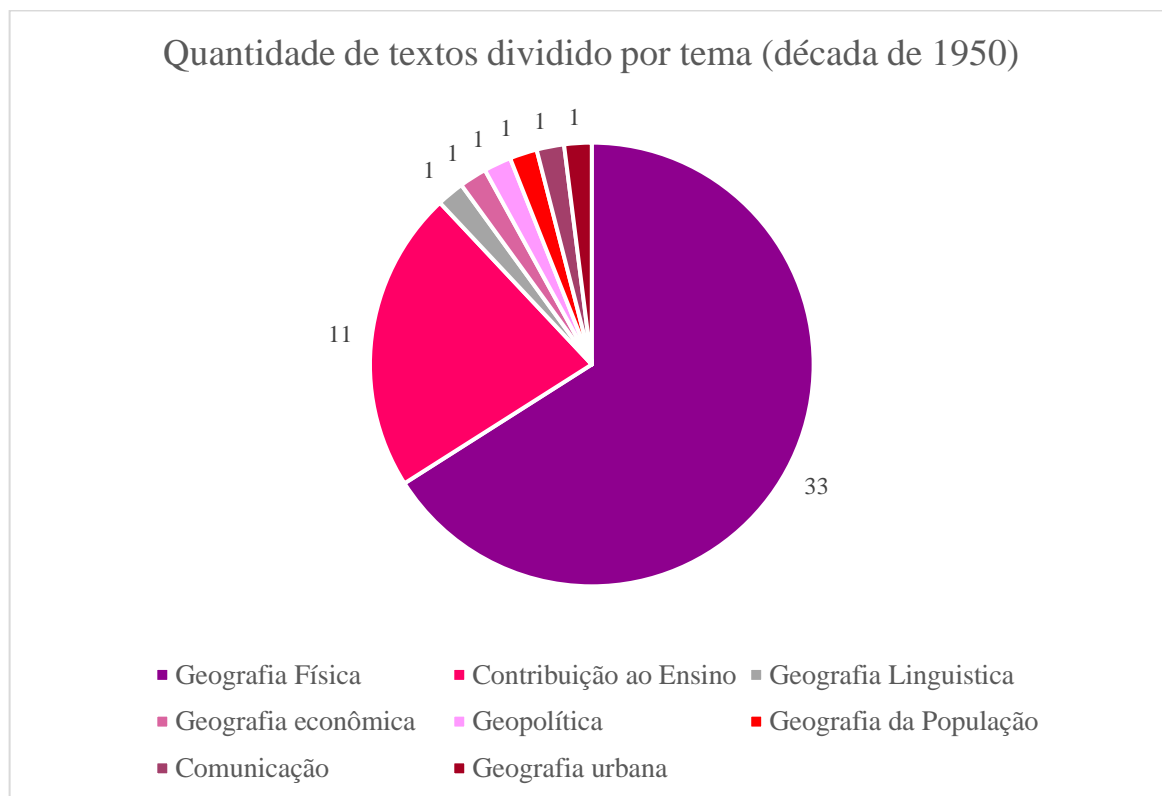
Na década de 1940 observamos que apenas três temas foram abordados por geógrafas como Conceição Vicente de Carvalho, Léa Quinterre e Magnólia de Lima entre outras. Os três temas abordados foram: Ensino com quase 60%, Geografia Física com 27% e Geografia Urbana com 4%.

**Tabela 6.** Temas separados na década de 1950.

Década de 1950	
Temas	Porcentagem
Geografia Física	66%
Contribuição ao Ensino	22%
Geografia Linguística	2%
Geografia econômica	2%
Geopolítica	2%
Geografia da População	2%
Comunicação	2%
Geografia urbana	2%

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

Segue a Figura 6 com a quantidade de temas mais registrados na década de 1950:



**Figura 6.** Temas separados na década de 1950.

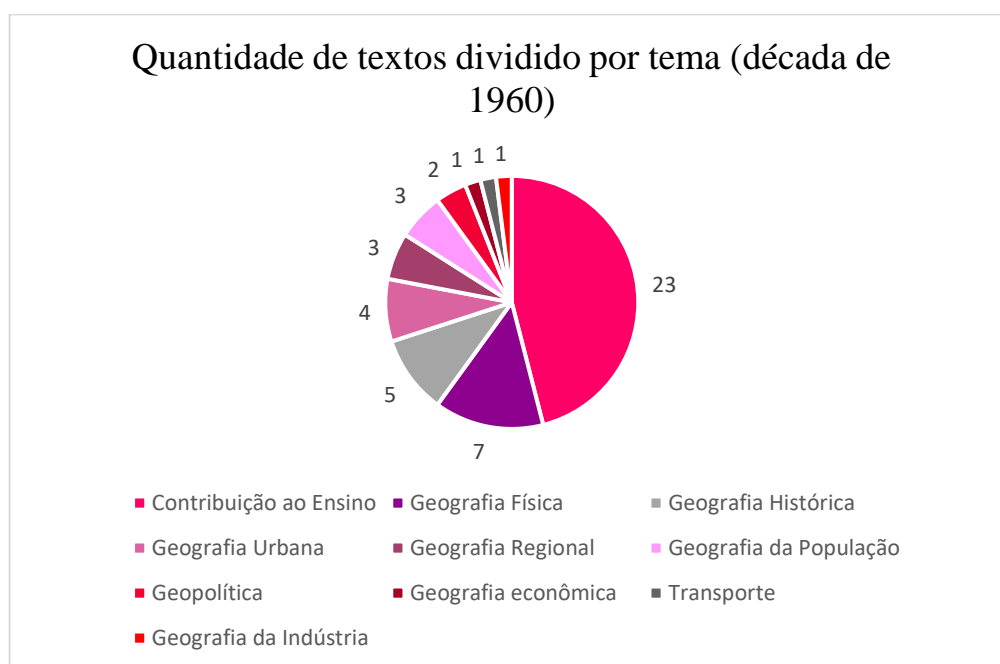
Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico.  
Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

Na década de 1950 obtivemos através do levantamento maior variedades de temas ainda que Ensino e Geografia Física se mantivessem a frente, pode-se considerar que com o avanço da Geografia nas Instituições mais temas aparecessem como possibilidades de estudo. Os temas são: Geografia da população, Geografia Urbana, Geografia Linguística, Geopolítica, Geografia Econômica.

**Tabela 7.** Temas separados na década de 1960.

Década de 1960	
Temas	Porcentagem
Contribuição ao Ensino	46%
Geografia Física	14%
Geografia Histórica	10%
Geografia Urbana	8%
Geografia Regional	6%
Geografia da População	6%
Geopolítica	4%
Geografia econômica	2%
Transporte	2%
Geografia da Indústria	2%

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>



**Figura 7.** Temas separados na década de 1960.

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

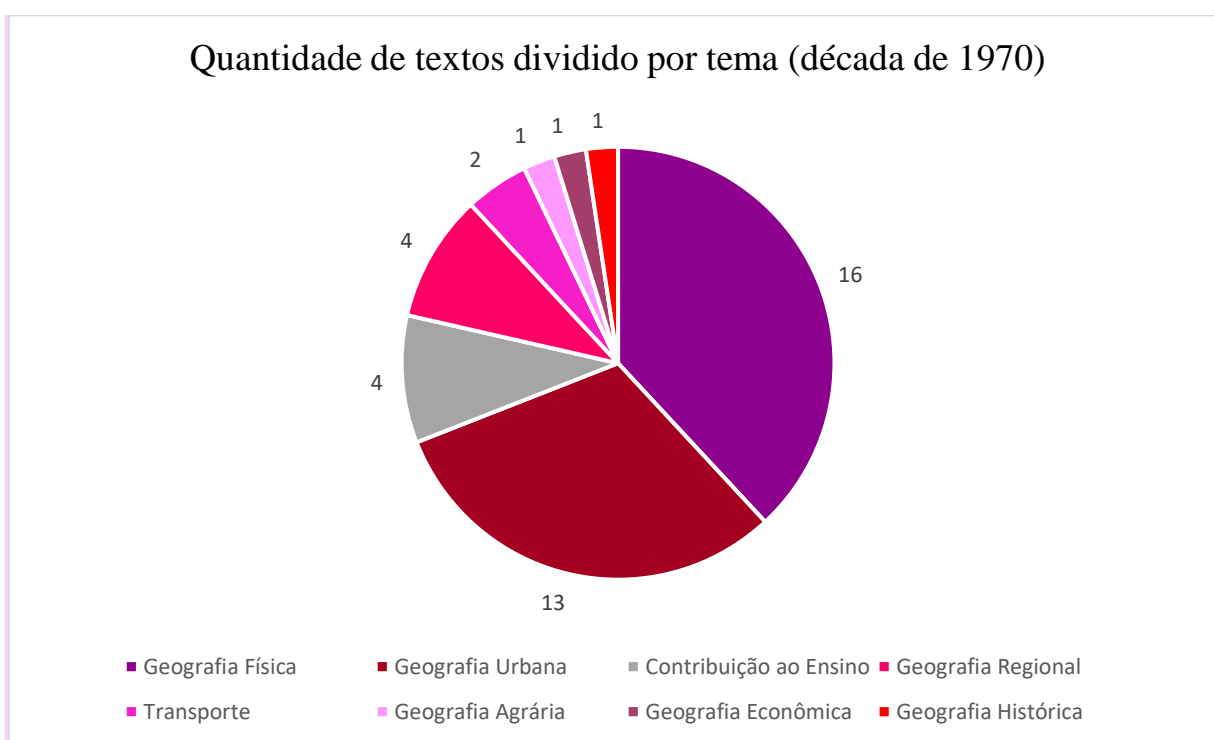
Na década de 1960, há uma diminuição nos textos de Geografia Física com 14% das publicações e por isso Ensino se mantém a frente com 46% e em terceiro lugar ficou Geografia Histórica com cinco textos. Observou-se outros temas inéditos também como Geografia Regional, Geografia da Indústria, Transportes.



**Tabela 8.** Temas separados na década de 1970.

Década de 1970	
Temas	Quantidade de textos
Geografia Física	38,09%
Geografia Urbana	30,95%
Contribuição ao Ensino	9,52%
Geografia Regional	4,76%
Transporte	4,76%
Geografia Agrária	2,38%
Geografia Econômica	2,38%
Geografia Histórica	2,38%

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>



**Figura 8.** Temas separados na década de 1970.

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

No levantamento da década de 1970 é interessante frisar que Geografia Física ultrapassa Ensino em números absolutos de quantidade de publicações. Geografia Física encontra-se com 38% das publicações enquanto Ensino totaliza 30% dos textos. É importante considerar que a década de 1970 possuiu dozes edições a menos devido ao seu encerramento em 1978.

Diante ao exposto, pôde-se alcançar algumas compreensões através da análise da base de dados relacionadas à produção dos temas publicados por mulheres durante o período

compreendido entre anos 1943 e 1978. Com efeito, na década de 1940, três temas foram abordados: Contribuição ao Ensino, Geografia Física e Geografia urbana. Em 1948 Conceição Vicente de Carvalho publicou um texto sobre as cidades brasileiras em que se deve considerar algo inédito: uma mulher que já publicava sobre um tema que se tornaria um foco de pesquisa para o Brasil nas décadas a frente.

Na década de 1950 são comprovados oito temas distintos de produção ao longo desse período com maior destaque para Geografia Física com trinta e três textos de autoria de mulheres seguido de Contribuição ao Ensino com onze textos. Vale ressaltar o texto de Virgínia Cortes de Lacerda sobre Geografia Linguística no número 92 de 1950. Em 1960 é perceptível o avanço das discussões de Ensino com maior número de publicações passando a frente de Geografia Física, com destaque também para Geografia Histórica e Geografia Urbana que ganhava cada vez mais espaço com o aumento da industrialização, da urbanização e mudança de capital do Brasil do Rio de Janeiro para Brasília. Na década de 1970, a década em que o periódico teve seu encerramento, os textos publicados de Geografia urbana são totalizados em treze textos, sendo o maior quantitativo registrado em todas as décadas.

Ainda que a década de 1970 tenha dois anos a menos de vigência o total de textos publicados por mulheres no Boletim Geográfico totalizam quarenta e dois textos. Desse modo, com base nos dados apresentados é inegável a representação feminina na construção da Geografia brasileira e o empenho na difusão do conhecimento através de suas obras literárias.

## **4 CAPÍTULO III**

# **GEÓGRAFAS BRASILEIRAS CONSTRUINDO A GEOGRAFIA NO BRASIL**

Este capítulo está estruturado a partir de um estudo qualitativo do levantamento exposto no capítulo 2 com objetivo de explorar a contribuição de mulheres em diferentes décadas em dois segmentos da Geografia: Ensino e Geografia Física. Diante disso, a separação destes textos, possivelmente inéditos, ocorrerá com objetivo de trazer visibilidade e reconhecimento para mulheres geógrafas que publicaram no periódico Boletim Geográfico da década de 1940 até 1970.

### **3.1 A participação Feminina na Construção do Magistério no Brasil**

A docência e área de educação básica estão entre os lugares sociais aonde o ingresso de mulheres foi facilitado no início da incorporação feminina no mercado de trabalho. Inegavelmente, há uma tendência a feminização de profissões específicas relacionadas ao cuidado e a maternidade. Com isso, as demandas do mercado de trabalho para mulheres facilitavam para que essas tivessem acesso à educação tradicional voltada para as atividades ditas “femininas” como funções domésticas e tarefas voltada para os anos iniciais de uma criança com intuito de reproduzir um papel maternal. O modelo de funções que eram exercidos possuíam uma perspectiva de gênero, ou seja, era permeado na sociedade uma divisão sexual do trabalho que nutria a construção social do que era feminino e masculino (AMÂNCIO, 1994).

Com efeito, o desfecho dessa perpetuação da divisão sexual do trabalho estaria relacionado até os dias atuais com a precarização das atividades e baixa remuneração nos trabalhos ditos feminizados que teriam desdobramentos na educação. Por isso, torna-se necessário refletir acerca da relação das mulheres com a educação e suas trajetórias profissionais. Nesse contexto, é necessário ressaltar acerca das origens do processo de feminização da educação. A construção social e sexual do trabalho docente ocorreu especificamente na educação básica no Brasil. É de suma relevância que se discuta a subordinação das mulheres que gradativamente foi naturalizada na sociedade (OKIN, 2008).

No que tange as relações entre homens e mulheres, há comportamentos específicos em que mulheres foram vinculadas as atividades maternas e por isso relacionadas a atenção primária na educação. O ensino básico era tido como lugar de subalternidade para estas mulheres, garantindo o seu não acesso a lugares denominados de prestígio na educação como o ensino superior. Para tanto, vale ressaltar que a feminização da educação básica reforça estereótipos sobre a construção de um discurso e modelo de educação aonde meninos são preparados para a vida pública enquanto mulheres reforçam comportamentos voltados para o campo privado.

É fato que com o aumento do ingresso das mulheres nesta ocupação e com entrada massiva no mercado de trabalho consequentemente acarretou na segregação, exclusão das mulheres em outros espaços sociais dominados por homens e dessa forma, fomentando as desigualdades de gênero. No Brasil, assim como no restante do mundo, foi normalizado e instituídos projetos políticos que concretizavam as vantagens do homem em relação ao campo do trabalho e do acesso a direitos básicos.

Havia a necessidade de instruir mulheres para educar crianças e desenvolver tarefas do lar e isso iria induzir ao modelo da professora racional intuitiva. Este fato afirmaria as diferenças sexuais, e trazer à tona características ditas femininas como instinto materno e concretizar para o magistério se tornar uma profissão de mulheres (SAN ROMÁN, 2001; SANCHEZ, 2009).

Embora o direito das mulheres a ter acesso a carreiras de nível superior tivesse sido concedido com passar dos anos, estas procuravam carreiras ditas com menor prestígio, relacionados ao cuidado na área da saúde e na educação por supor que enfrentariam menos barreiras (PALERMO, 2006). A área da educação sustentou a participação da mulher no

mercado de trabalho com início no século XX. Todavia, ainda que houvessem problemáticas no que tange a subalternidade do trabalho da mulher, a educação representou também uma possibilidade para que mulheres pudessem acessar as esferas públicas.

Ser professora representava um prolongamento das funções domésticas e instruir e educar crianças, sob o mascaramento da missão e da vocação inerentes às mulheres, significava uma maneira aceitável de sobrevivência, na qual a conotação negativa com o trabalho remunerado feminino esvaía-se perante a nobreza do magistério (ALMEIDA, 1996).

Nesse contexto, torna-se evidente que inserção da mulher na esfera pública ratifica o papel imposto a ela através dos cuidados das crianças tanto na esfera público quanto privado. O magistério surge para mulheres com a intenção de impor a ideia de uma vocação feminina para atividades de cuidados/maternais e reflete diretamente na educação básica como função cabível às atividades femininas.

Com efeito, foi advertido por Sán Roman (2001) a problemática da utilização do termo “vocação”, uma vez que este mantém relação direta com a desvalorização profissional de mulheres. Nesse sentido, direcionamos o debate para a divisão sexual do trabalho, aonde mulheres estão exercendo funções segundo o seu sexo. “O modelo “que aparecia com a professora maternal segue presente hoje como resultado do esquema de subordinação do qual não nos despojamos ainda” (SANCHEZ, 2009)”.

É arriscado assumir o discurso de que a exclusão da mulher da vida pública, se dá através das distinções genéticas entre os sexos em relação as capacidades diferentes de cada um, e acarreta na designação das funções sociais naturalmente reservados a homens e mulheres na sociedade. Desse modo, seria, portanto, inconcebível às mulheres o exercício da vida pública. Por conseguinte, Maruani (1992) considera que para a feminização acontecer deve apresentar-se a denominada “segregação horizontal”, que é definida como a concentração de mulheres em atividades entendidas como “femininas”. Segundo a autora, a segregação horizontal é acompanhada pela “segregação vertical”, entendida como as dificuldades que mulheres possuem para alcançar altos postos na hierarquia profissional.

Por isso, ainda que houvesse maior presença da mulher no mercado de trabalho e acesso à universidade, estas sempre ocupavam espaços sociais dito subalternos com dificuldades de ascensão profissional. Desse modo, torna-se notório as dificuldades de gênero que explicitavam a exclusão da mulher relacionados a suas habilidades e capacidades, o que culminaria nas jornadas de trabalho triplas que seriam exercidas por estas. A autora Márcia Barbosa (2005) indica que em dias atuais mulheres se inserem em carreiras profissionais, mas ao decorrer do tempo, são cortadas. Este fato é denominado pela autora como Efeito Tesoura, e tange à queda na proporção de mulheres nos níveis mais elevados da carreira. Por conseguinte, é verificado também que a trajetória profissional das mulheres em profissões entendidas como femininas é interrompida por cuidados a crianças, dedicação à vida familiar e atividades domésticas.

Vale ressaltar que, homens que exercem as mesmas profissões são isentos socialmente de tais funções, além de deterem as condições mais adequadas para dedicar-se à carreira e à especialização de seu ofício. Dessa maneira, homens possuem a possibilidade de atingirem maior especialização em sua vida profissional, consequentemente acarretando em espaços de maiores prestígios sociais e maior remuneração. Por estes motivos verificou-se a presença feminina em maior quantidade no magistério relacionadas à presença de mulheres na docência.

Sendo assim, Senkevics (2011) explicita em dados do ano de 2007 acerca dos indicativos da presença feminina na docência.

Entre os profissionais da docência na creche 97,9% eram mulheres, índice reduzido a 74,4% no ensino fundamental e a 64,4% no ensino médio, enquanto no ensino superior

45% do corpo docente eram compostos por mulheres. Dados que tendem a se manter constantes. Algumas pesquisas também detectaram que as professoras universitárias se encontravam neste momento frequentemente concentradas nas especialidades ditas femininas (educação, humanidades e enfermagem) (Senkevics, 2011).

Nesta mesma linha de raciocínio, a autora indica que são utilizados indicadores para avaliar a situação das mulheres na vida acadêmica: graduação, mestrado e doutorado e função auxiliares de ensino, assistentes, associados e titulares. Com base nos dados, a autora relata a mesma configuração observada nos diferentes graus de ensino, que situa o segmento feminino nos postos de subalternidade da hierarquia educacional. Como desfecho dessas segregações do corpo docente feminino, o fenômeno da feminização no magistério é evidenciado pela desqualificação das atividades docente no ensino básico.

Para mais, problemas que cernem à discriminação segregam e excluem mulheres na esfera do trabalho e ocasionam desigualdades de gênero, além de dificultar a ocupação de cargos importantes na hierarquia profissional. Ademais, A tendência à presença de mulheres nas diferentes etapas de ensino é desproporcional à valorização de cada nível de ensino. É sabido que os professores do ensino superior, que majoritariamente são homens, brancos, heterossexuais, mestres e doutores, recebem maiores salários e detêm maior prestígio social, enquanto as professoras do ensino básico, que são em sua maioria mulheres, recebem salários baixos, pouco reconhecimento pela profissão e baixo prestígio social. Além disso, a feminização do magistério no ensino básico não é um fenômeno novo. Este fato é comprovado historicamente, situando na intensificação das denúncias feministas em relação a desigualdades de oportunidades entre mulheres e homens. Estas imputações expressam reivindicações em favor da ampliação da cidadania da mulher, incluindo o direito à educação e à participação das mulheres nas esferas públicas.

Estas reflexões acerca da feminização da educação é um importante passo para a conquista das mulheres à sua presença nos espaços públicos. Contudo, este êxito escancarou a dicotomia público/privado na vida de mulheres. Com isso, nessa estrutura historicamente consolidada, as funções femininas, permaneciam limitadas à esfera doméstica, enquanto competia aos homens o prestígio da vida pública.

É notável que, apesar das mudanças em relação à presença feminina em espaços públicos, ainda nos dias atuais encontram-se disparidades em relação à igualdade de remuneração, valorização e oportunidades entre homens e mulheres. Ainda em ocupações onde mulheres são maioria, estas sempre estão colocadas em posições de vulnerabilidade, enquanto homens estão posicionados no ápice da hierarquia profissional. Ademais, é possível ter em vista que as responsabilidades ditas femininas, embora tenham se estendido à esfera pública, não deixaram de exercer o trabalho doméstico não remunerado. Portanto, é necessário ampliar nossas perspectivas feministas e de gênero para compreender o fenômeno feminização do magistério e a relação mulheres e educação.

Após a discussão acerca da feminização da educação primária será exposto abaixo o levantamento realizado no periódico do IBGE Boletim Geográfico no período de vigência da revista com todas as publicações realizadas por mulheres com temas relacionados ao Ensino de Geografia. Considerando que geógrafas de grande notoriedade publicavam no periódico com seu ponta pé inicial em 1946.

**Tabela 9.** Levantamento do periódico Boletim Geográfico com publicações feita por mulheres em Ensino no período de 1943 a 1978 (continua).

Ano	Título	Autora	Tema
1946_v4_n39	Os problemas da economia nacional – as condições básicas: saneamento; mão de obra e técnica; transportes; combustíveis; crédito – A independência econômica	Léa Quintiere	Ensino
1946_v4_n42	O Brasil no continente americano: os mercados produtores e consumidores	Léa Quintiere	Ensino
1946_v4_n43	Interesses brasileiros na África e na Ásia	Léa Quintiere	Ensino
1947_v5_n53	Áreas de nutrição do Brasil: a área amazônica	Magnólia de Lima	Ensino
1947_v5_n53	A área do nordeste açucareiro – A área do sertão do nordeste	Léa Quintiere	Ensino
1947_v5_n57	Leitura de mapas e de fotografia - blocodiagrama	Léa Quintiere	Ensino
1949_v6_n71	Pródromos de um parque industrial no Brasil	Léa Quintiere	Ensino
1949_v6_n72	As costas do Brasil	Conceição Vicente de Carvalho	Ensino
1949_v7_n73	O vale do Paraíba tem sua história	Léa Quintiere	Ensino
1949_v7_n74	O Brasil precisa de mais agricultores	Conceição Vicente de Carvalho	Ensino
1949_v7_n75	O Nilo	Olga Buarque de Lima	Ensino
1949_v7_n76	O Benô	Conceição Vicente de Carvalho	Ensino
1949_v7_n77	O Mississipi	Conceição Vicente de Carvalho	Ensino
1949_v7_n78	O vale do Paraíba	Olga Buarque de Lima	Ensino
1949_v7_n79	O Amazonas	Magnólia de Lima	Ensino
1951_v8_n94	Os perfis causais	Estela Barbieri	Ensino
1951_v9_n103	Clima do Brasil	Lísia Bernardes	Ensino
1955_v13_n125	Clima do Brasil	Lísia Bernardes	Ensino
1955_v13_n126	Divisão regional do Brasil	Lísia Bernardes	Ensino
1955_v13_n128	Traços gerais sobre o relevo e o litoral do Brasil	Ariadne Soares Souto Mayor	Ensino
1956_v14_n135	A propósito do ensino e programa de Geografia no curso de jornalista	Maria Magdalena Vieira Pinto	Ensino
1957_v15_n136	Estudos de Geografia urbana	Eloísa de Carvalho	Ensino
1958_v16_n145	O ensino de geografia	Eddy Flores Cabral	Ensino
1958_v16_n146	Aspectos regionais da geografia dos Estados Unidos	Maria Teresinha Segadas Soares	Ensino
1959_v17_n148	Aspectos da geomorfologia do Brasil	Maria do Carmo Galvão	Ensino
1959_v17_n151	Atualidades geográficas	Maria Magdalena Vieira Pinto	Ensino
1960_v18_n154	Planos de desenvolvimento do programa mínimo	Maria Magdalena Vieira Pinto	Ensino

**Tabela 9.** Levantamento do periódico Boletim Geográfico com publicações feita por mulheres em Ensino no período de 1943 a 1978 (conclusão).

Ano	Título	Autora	Tema
1960_v18_n155	Atualidades geográficas	Maria Magdalena Vieira Pinto	Ensino
1960_v18_n156	Notas de didáticas da geografia	Eloísa de Carvalho	Ensino
1962_v20_n166	Programa de Geografia humana	Elza Coelho de Souza Keller	Ensino
1962_v20_n167	Objetivos do ensino de geografia na escola secundária	Laila Coelho de Almeida	Ensino
1962_v20_n169	Aplicação de classificações climáticas no Brasil	Lisia Bernardes	Ensino
1963_v22_n175	As atividades extraclasse no ensino da geografia	Myrthes de Luca Wenzel	Ensino
1964_v22_n178	Orientação metodológica para uso escolar do atlas geográfico escolar	Maria Magdela Vieira Pinto	Ensino
1964_v22_n180	O ensino de geografia em face a lei de diretrizes e bases	Maria Magdalena Vieira Pinto	Ensino
1964_v23_n182	Glossário de termos cartográficos português inglês	Mary S. Killgore	Ensino
1965_v24_n184	Natureza e características da História e da Geografia	Amélia Domingues de Castro	Ensino
1965_v24_n189	O museu de geografia	Cacilda Pereira Fernandes	Ensino
1965_v24_n189	Nova Zelândia	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Ensino
1966_v25_n190	Espanha	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Ensino
1966_v25_n191	Colômbia	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Ensino
1966_v25_n193	Marrocos	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Ensino
1966_v25_n195	Ilha da Madeira	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Ensino
1968_v27_n202	Arquipelago de Açores	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Ensino
1968_v27_n202	O problema da divisão regional do Brasil	Igneza Amelia Leal Teixeira Guerra	Ensino
1968_v27_n203	Três principados europeus	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Ensino
1968_v27_n204	Gráficos de elementos do clima – população e produção	Igneza Amelia Leal Teixeira Guerra	Ensino
1969_v28_n208	Excursão Geológica e petrográfica na serra da Carioca	Rita Alves Barbosa	Ensino
1969_v28_n210	Mato Grosso	Élvia Roque	Ensino
1970_v29_n215	A climatologia tradicional e dinâmica	Lucy Galego	Ensino
1970_v29_n215	Equipamentos terciários do setor de serviço	Maria Francisco Thereza Cardoso	Ensino
1970_v29_n216	Relações da indústria com o espaço geográfico	Fany Davidovich	Ensino
1971_v30_n223	Análise e interpretação das cartas 1:50 000 – Folhas paraíba do sul e Três Rios	Celestre Rodrigues	Ensino

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico.

Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

Por conseguinte, após o levantamento separado sobre as publicações acerca de temas exclusivos sobre Ensino de Geografia no Boletim Geográfico, o próximo passo foi calcular a participação de cada autora na Geografia. Vale ressaltar que, as autoras com maior participação



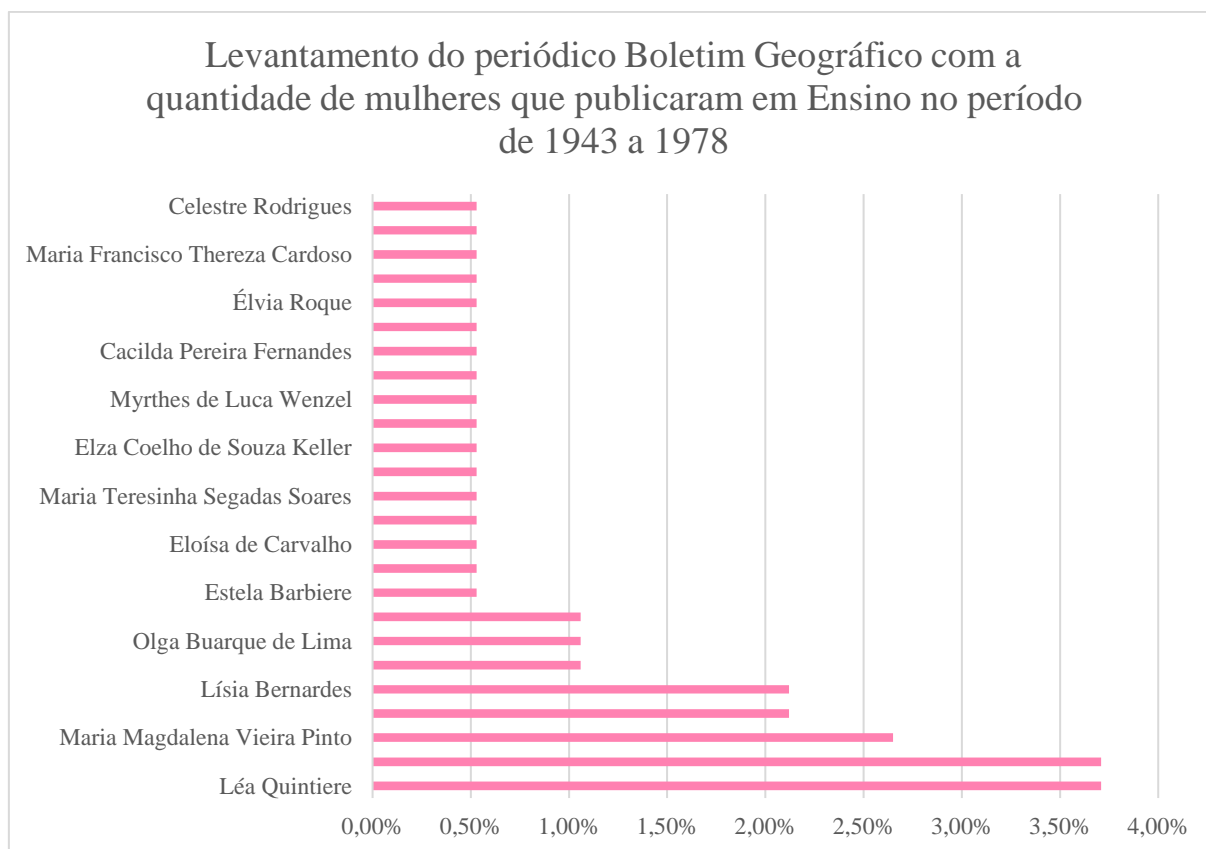
inicialmente no que tange ao Ensino de Geografia são Geógrafas que possuem participação ao longo de toda vigência do periódico. Desse modo, se pode concluir que naquele momento, era de suma importância que Geógrafas de grande relevância fizessem parte de um momento em que a grade curricular geográfica dava seus primeiros passos. Com isso, nas maiores aparições no tema de Ensino aparecem Geógrafas como Léa Quintiere, que possui vastas publicações ao longo de sua trajetória como pesquisadora. Há nomes também como Marília Wilma de Oliveira Veiga, Maria Magdalena Vieira Pinto, Conceição Vicente de Carvalho, Lísia Bernardes entre outras. Ao longo dos estudos dos periódicos é possível perceber que o nome destas mulheres aparece com frequência nas publicações em temas variados e também como tradutoras de textos no Boletim Geográfico. Desse modo, é necessário considerar que estas mulheres marcaram a Geografia com suas atuações. Segue abaixo o levantamento realizado com todas as mulheres que publicaram em Contribuição ao Ensino no periódico Boletim Geográfico:

**Tabela 10.** Levantamento do periódico Boletim Geográfico com a quantidade de mulheres que publicaram em Ensino no período de 1943 a 1978.

<b>Mulheres</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
Léa Quintiere	3,71%
Marília Wilma de Oliveira Veiga	3,71%
Maria Magdalena Vieira Pinto	2,65%
Conceição Vicente de Carvalho	2,12%
Lísia Bernardes	2,12%
Magnólia de Lima	1,06%
Olga Buarque de Lima	1,06%
Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra	1,06%
Estela Barbieri	0,53%
Ariadne Soares Souto Mayor	0,53%
Eloísa de Carvalho	0,53%
Eddy Flores Cabral	0,53%
Maria Teresinha Segadas Soares	0,53%
Maria do Carmo Galvão	0,53%
Elza Coelho de Souza Keller	0,53%
Laila Coelho de Almeida	0,53%
Myrthes de Luca Wenzel	0,53%
Mary S. Killgore	0,53%
Cacilda Pereira Fernandes	0,53%
Rita Alves Barbosa	0,53%
Élvia Roque	0,53%
Lucy Galego	0,53%
Maria Francisco Thereza Cardoso	0,53%
Fany Davidovich	0,53%
Celestre Rodrigues	0,53%

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

Após a conclusão do levantamento acerca de todas as autoras mulheres que contribuíram para a construção do currículo de ensino em Geografia chegou-se à quantidade de vinte e cinco mulheres, o que é equivalente a 25,51% das mulheres que publicaram ao longo dos anos de vigência do periódico. Então, dessa maneira, pode-se considerar que há uma grande parcela de mulheres que contribuíram para concretizar a Geografia enquanto uma disciplina escolar.



**Figura 9.** Quantidade de mulheres que publicaram em Ensino no Boletim Geográfico no período de 1943 a 1978.

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

Apresentou-se acima o gráfico 9 com objetivo de facilitar a compreensão das informações apresentadas. Neste gráfico, rapidamente pode identificar que as mulheres que mais publicaram em ensino ao longo da vigência do periódico Boletim Geográfico são: Léa Quintiere, Maria Magdala Vieira Pinto, Lísia Bernades, Olga Buarque de Lima entre outras.

### 3.2 A Geografia Física e a Atuação de Geógrafas no Brasil

Em síntese, considerando que na formação da Geografia como ciência o seu principal objeto de estudo era a correlação entre o espaço, as relações sociais e o meio natural, havia a necessidade de fragmentação da Geografia entre: Geografia Humana e Geografia Física. Isso ocorre devido a tentativa de compreensão da construção do espaço geográfico e a sociedade/natureza.

A ciência geográfica desde os primordiais tenta compreender o espaço/tempo, a relação com a natureza e as relações sociais. De acordo com Paul Claval (2010), a criação da Geografia Física, se dá no século XVIII, a partir da aproximação da ciência newtoniana, com foco na observação, experiência e a razão naturalista.

A corrente Possibilista trouxe a dualidade na Geografia, embora enfatizasse a Geografia Humana. De Martonne, no século XX, se apresentou como um dos primeiros geógrafos a ramificar o meio físico em variados campos para estudos, prova disso se apresenta no livro do geógrafo “Tratado de Geografia Física”, que são considerados os primeiros apontamentos para a subdivisão da Geografia. Contudo é com a Nova Geografia, ou Geografia Crítica, que acentua para mais essas vertentes, uma vez que a Geografia Física passa a se utilizar da quantificação para obter resultados em suas análises.

Essa subdivisão irá se intensificar no Brasil, a partir 1939 na USP (Universidade de São Paulo), através do departamento de Geografia quando este foi desmembrado em Geografia Física e Humana. O departamento de Geografia Humana foi ocupado por João Dias da Silveira, que se formou na primeira turma da USP de Geografia em 1936 e que mais tarde curiosamente tornou-se titular do departamento de Geografia Física em 1950 e seus assistentes eram Elina Oliveira Santos, Aziz Nacib Ab’Saber e Maria de Lourdes Pereira. O segundo departamento, que era o departamento de Geografia Física ficou ao encargo do Frances Pierre Monbeig, que tinha como responsabilidade divulgar e atualizar a geografia brasileira através da Geografia Francesa, que tinha grande prestígio, e com isso moldou no Estado de São Paulo e logo as próximas Universidades do Brasil que começavam seus cursos de Geografia (MELLO, 2018).

No momento presente entendemos a necessidade de enxergar a ciência geográfica em sua totalidade, sendo irreal considerar apenas aspectos sociais e desconsiderar aspectos físicos, em virtude de que o espaço natural esteja intrinsicamente correlacionado à construção socioespacial. Contudo, no meio acadêmico dividimos seus subtemas e especializações para tentarmos alcançar um objeto de estudo palpável, todavia essas especializações não devem permitir que o geógrafo perca sua visão da totalidade, e sim, deve contribuir para que o pesquisador realize análises detalhadas e melhor relaciona-las.

Ademais, Antônio Carlos Vitte afirma que dado que o momento político em que o país atravessava era o da construção de um corpo político moderno e que tinha como missão modernizar à sociedade civil, a economia e a política. Para tanto, uma das estratégias possíveis era a conquista territorial. Desse modo, dentro da diversidade fisiográfica em que está inserido o território brasileiro, a Geografia Física foi chamada para qualificá-lo, ao mesmo tempo em que reforçava a construção de uma imagem positivista da nação a partir das propriedades e exuberância da natureza no Brasil.

Além disso, outra observação que vale ressaltar é na década de 1940 as preocupações temáticas estavam voltadas para uma qualificação e descoberta do território brasileiro, com a intenção de se construir uma visão científica da natureza brasileira, e seus grandes temas percussores tratados pelos artigos no periódico diziam respeito a uma apresentação geral e primeiras impressões das viagens de campo para reconhecimento das regiões, na década de 50 os trabalhos passam a ser mais especializados e percebe-se já claramente a tendência de especialização nas pesquisas de Geografia Física (MENDONÇA, 1999).

Com isso, temas como climatologia passam gradativamente a ter maior força e a delimitarem o seu objeto de critérios metodológicos e técnicos, assim como definindo os principais eventos empíricos do clima, (precipitação, temperatura, frentes, ritmos, tipos de tempo) que inclusive foram objetos de alguns artigos no levantamento do periódico que precisavam ser estudados no Brasil pela sua grande extensão territorial e que poderiam ser utilizados nos processos de correlação com o desenvolvimento econômico e social do Brasil. (SANTANNA NETO, 2001).

Nesse sentido, as principais análises sobre a produção da Geografia Física brasileira no objeto de estudo proposto que é o periódico Boletim Geográfico, refere-se a falta da legitimidade a mulheres que fizeram parte da constituição e construção de uma Geografia Física no Brasil. Em quase quarenta anos de vigência do periódico concluiu-se que a maior produção

percentual de artigos foi no tema de Geografia Física brasileira, o que ocorreu também no caso das publicações autorais de mulheres.

Ao longo das décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970 mantiveram-se o grande volume de publicações no tema, se associando ao processo de desenvolvimento territorial brasileiro, onde houve grande participação do Estado. A Geografia Física no Brasil foi produzida especialmente a partir de uma razão de Estado, que tinha como objetivo a apropriação da natureza pelo Governo e com isto instrumentalizar o processo de acumulação capitalista.

No final dos anos de 1940 e com maior intensidade nos anos de 1950, várias disciplinas da Geografia a Física, como a hidrografia, biogeografia, climatologia, dentre outras, se especializam, cada subtema com suas definições metodológicas de seu objeto, suas técnicas e as causalidades que influenciam o desenvolvimento de seus objetos regionais.

Vale ressaltar que o espaço geográfico é uma representação produzida culturalmente pela hegemonia política de parte da sociedade, que inevitavelmente lhe atribuem valores e significados para a sociedade e a natureza. Ao decorrer do levantamento completo para o desenvolvimento desta dissertação, foram analisadas 238 edições que eram publicadas ao longo do decorrer do ano. Nestas edições é possível comprovar que a temática dominante é em Geografia Física até mesmo nas publicações de autoria exclusiva feminina contando com 62 publicações desde a década de 1940 até seu encerramento em 1978.

Logo, uma análise inicial, já deixava evidente que o aumento da produção da Geografia física está intrinsecamente relacionado a processos que dizem respeito a especialização dos campos, suas renovações conceituais quanto à inserção de tecnologias que nos foram apresentadas ao longo dos anos de amadurecimento da Geografia no Brasil mantendo contato com uma Geografia Norte Americana.

Desse modo, com base nos levantamentos apresentados nesta dissertação podemos afirmar que as mulheres tiveram participação ativa em todo esse processo de institucionalização do saber geográfico a serviço do Estado com objetivo até mesmo de conhecer o território brasileiro. As décadas em obtiveram maior frequência de publicações percentualmente ocorreram em de artigos de Geografia Física coincidem com os momentos de incorporação de novas fronteiras, como o Centro-Oeste e a Amazônia, e a consequente integração o território brasileiro, fatos que estão relacionados com a construção da identidade nacional na qual a participação da Geografia Física ocorre por meio da qualificação dos atributos naturais do território brasileiro (VITTE, 2008).

A Geografia Física é um campo temático da Geografia que busca problematizar a natureza e suas relações sociais através da ciência geográfica. O objetivo de exibir o grande quantitativo de atuação da Geografia Física no periódico Boletim Geográfico a partir de artigos publicados por mulheres é relacionar os avanços das pesquisas em subtemas da Geografia Física e a produção científica feita por mulheres desde a década de 1940.

Foram realizados levantamentos em quatro décadas de vigência do periódico Boletim Geográfico, que pode ser entendido como um dos maiores veículos de circulação do conhecimento na América Latina. Em termos absolutos foram analisados 1.100 textos publicados, sendo que destes, 18 % dos artigos tinham como temática a Geografia Física e que tinham mulheres como autoras.

Esta análise dos dados inicialmente demonstrou que a grande produção no campo da Geografia Física está relacionada tanto a processos das especializações de seus subcampos como geomorfologia, climatologia, hidrografia entre outros e a incorporação de novas Instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que permitiram a institucionalização do saber geográfico a serviço do Estado planejador com seu ponta pé inicial no governo de Getúlio Vargas.

Desse modo, segue abaixo o levantamento realizado neste capítulo que exclusivamente refere-se a todos os textos que já foram publicados por mulheres com temas e subtemas da área

de Geografia Física no periódico Boletim Geográfico do IBGE (1943 – 1978). Nesse sentido, será apresentada a análise da atuação de geógrafas atuantes na Geografia e na construção da consolidação da ciência geográfica brasileira. Mesmo considerando que dicotômica entre Geografia física e Geografia Humana tem sido superada, ao realizar o levantamento de dados sobre as geógrafas, pensou-se em separá-las pela área de especialização para que seja ilustrado os espaços ocupados por estas profissionais.

**Tabela 11.** Levantamento do periódico Boletim Geográfico com publicações feita por mulheres em Geografia Física no período de 1943 a 1978 (continua).

Ano	Título	Autora	Tema
1944_v2_n20	Novos fatos geográficos	Blanca Meires de Botto	Geografia Física
1945_v3_n25	Organização de uma unidade em geografia matemática	Katheryne Thomas Whittemore	Geografia Física
1946_v3_n36	Papel histórico do litoral, do relevo, dos rios e dos climas sobre o povoamento do Brasil	Léa Quintiere	Geografia Física
1946_v4_n37	O fator posição astronômica aplicado no Brasil; Condições climatológicas e suas consequências	Léa Quintiere	Geografia Física
1946_v4_n38	A Penetração pelo rio São Francisco. A criação de gado	Léa Quintiere	Geografia Física
1948_v6_n66	A Amazônia	Magnólia de Lima	Geografia Física
1950_v8_n86	Rio Iguaçu	Lísia Bernardes	Geografia Física
1951_v8_n94	Tendências atuais da pedologia nas regiões tropicais e subtropicais	Stephane Henin	Geografia Física
1951_v8_n96	Regime pluviométrico do estado do Rio de Janeiro	Lísia Bernardes	Geografia Física
1952_v10_n106	Interpretação do Mapa da Produção de Algodão no Sudeste do Planalto Central	Myriam Gomes Coelho Mesquita	Geografia Física
1952_v10_n107	Comentário do Mapa da Produção de Feijão no Sudeste do Planalto Central Brasileiro	Maria Luisa da Silva Lessa	Geografia Física
1952_v10_n109	Mapa climático do Planalto Central	Ruth Bouchad Lopes da Cruz	Geografia Física
1952_v10_n109	Comentário do Mapa de Densidade de Produção da Mandioca no Sudeste do Planalto Central do Brasil	Beatriz Celia de Mello	Geografia Física
1952_v10_n110	Vegetação e Relevo do Estado da Bahia	Ruth Lopes da Cruz Magnani	Geografia Física
1952_v10_n110	Clima do estado da Bahia	Lísia Bernardes	Geografia Física
1952_v10_n111	Comentário do Mapa de Densidade de População da Bahia em 1940	Ruth Lopes da Cruz Magnani	Geografia Física
1952_v10_n111	Comentário do Mapa de Produção do Cacau no Estado da Bahia	Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra	Geografia Física
1953_v11_n112	Comentário do Mapa da Produção de Mandioca no Estado da Bahia	Ruth Matos Almeida	Geografia Física
1953_v11_n112	Comentário do Mapa da Produção de Fumo na Bahia	Ariadne Soares Souto Mayor	Geografia Física

**Tabela 11.** Levantamento do periódico Boletim Geográfico com publicações feita por mulheres em Geografia Física no período de 1943 a 1978 (continua).

Ano	Título	Autora	Tema
1953_v11_n113	Comentário do Mapa da Produção de Cana de Açúcar no Estado da Bahia	Ruth Matos Almeida	Geografia Física
1954_v12_n118	Produção do feijão no Brasil Meridional	Maria da Glória de Carvalho Campos	Geografia Física
1954_v12_n122	Comentário do Mapa de Produção do café no estado da Bahia	Ariadne Soares Souto Mayor	Geografia Física
1954_v12_n122	Comentário do Mapa de densidade do rebanho bovino no estado da Bahia	Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra	Geografia Física
1954_v12_n123	Comentário do Mapa da Produção de Côco-da-Bahia no estado da Bahia	Ruth Matos Almeida Simões	Geografia Física
1954_v12_n123	Comentário do Mapa da Produção de mamona na Bahia	Ariadne Soares Souto Mayor	Geografia Física
1955_v13_n124	Comentário do Mapa da criação de caprinos no estado da Bahia	Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra	Geografia Física
1955_v13_n124	Comentário do Mapa de distribuição dos recursos minerais em exploração no estado da Bahia	Ruth Matos Almeida Simões	Geografia Física
1955_v13_n125	Comentário do Mapa da produção do milho no estado da Bahia	Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra	Geografia Física
1955_v13_n125	Comentário do Mapa de produção de arroz no estado da Bahia	Ruth Matos Almeida Simões	Geografia Física
1955_v13_n127	Navegação marítima, fluvial e aérea no estado da bahia	Ruth Matos Almeida Simões	Geografia Física
1956_v14_n134	Notas sobre o clima o sul do Brasil	Ruth Matos Almeida Simões	Geografia Física
1957_v15_n140	A produção mineral no Brasil	Marília Uzeda Praça	Geografia Física
1957_v15_n140	No Céu, como na Terra, Também Existem Rochas	Lea Braga Curvelo	Geografia Física
1958_v16_n142	Antártica – o assunto do momento	Terezinha de Castro	Geografia Física
1959_v17_n149	Aplicação de classificações climáticas ao Brasil	Lísia Bernardes	Geografia Física
1959_v17_n149	O “habitat” rural do Brasil	Elza Keller	Geografia Física
1959_v17_n150	Antártica o assunto do momento	Terezinha de Castro	Geografia Física
1959_v17_n152	República das Filipinas	Terezinha de Castro	Geografia Física
1959_v17_n153	Os misteriosos meteoros	Lea Braga Curvelo	Geografia Física
1960_v18_n154	Recursos Minerais do Saara	Terezinha de Castro	Geografia Física
1960_v18_n156	Portugal	Terezinha de Castro	Geografia Física
1962_v20_n170	Caracteres fisiográficos do estado do Rio Grande do Norte	Celeste Rodrigues	Geografia Física
1964_v22_n180	Toponimos geográficos de Minas Gerais	Berta Alves Campelo	Geografia Física

**Tabela 11.** Levantamento do periódico Boletim Geográfico com publicações feita por mulheres em Geografia Física no período de 1943 a 1978 (conclusão).

Ano	Título	Autora	Tema
1965_v24_n185	A geografia aplicada	Anna Carvalho	Geografia Física
1967_v26_n198	Áustria	Marília Wilma de Oliveira Veiga	Geografia Física
1968_v27_n203	Mapeamento geomorfológico da bacia do rio cabuçu através de fotografias aéreas	Maria Edith Ribeiro Dantas	Geografia Física
1970_v29_n218	Recifes de arenito de Salvador, Bahia	Yeda de Andrade Ferreira	Geografia Física
1971_v30_n221	A Amazônia	Clara Pandolfo	Geografia Física
1971_v30_n221	Características dos pedimentos nas regiões quentes e úmidas	Margarida Maria Penteado	Geografia Física
1971_v30_n225	Maceió e sua área de influência	Hilda da Silva, Maria Emília de Castro Botelho, Maria Helena Salles Moreira e Lúcia Brandão	Geografia Física
1973_v32_n232	A serrecultura em São Paulo	Yara Maria Marinho da Costa	Geografia Física
1974_v33_n241	Roteiro geológico de Uberaba	Rita Alves Barbosa	Geografia Física
1974_v33_n242	Antigas capitais do café	Laura Regina Mendes	Geografia Física
1975_v34_n244	A utilização da topologia agrícola na definição do uso potencial da terra	Victória Tuyama	Geografia Física
1975_v34_n246	As dimensões diferenciadoras e os padrões espaciais de lavouras e rebanhos do sul do Brasil	Olindina Vianna	Geografia Física
1975_v34_n247	Considerações sobre índices térmicos e hídricos e sua utilização para a caracterização climática do espaço	Maria Juraci Zani dos Santos	Geografia Física
1976_v34_n249	A meteorologia da paisagem nas áreas de planície	Joana Kollmorgen	Geografia Física
1977_v35_n254	Aplicação de uma análise fatorial para estudo de organização agrária na Paraíba e em Pernambuco	Elvia Roque Steffan e Maria Socorro Brito	Geografia Física
1977_v35_n255	Estudo morfológico do litoral e das baixadas do nordeste brasileiro	Celeste Rodrigues Maio	Geografia Física
1978_v36_n258_259	Contribuição para identificação dos principais padrões diferenciadores do uso da terra com lavouras e rebanhos no sudeste do Brasil	Ieda Ribeiro Léo e Telma Suely A. de C. Senra	Geografia Física
1978_v36_n258_259	Contribuição ao estudo da erosão dos solos agrícolas no Brasil	Neide de Oliveira de Almeida, Josilda R. da S. de Moura e Iracilde Moura Fé Lima	Geografia Física
1978_v36_n258_259	Alelopatia e Defesa em plantas	Zélia Lopes da Silva	Geografia Física

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico.

Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

Após a finalização do levantamento acima acerca de todas as publicações em Geografia Física, foi realizado a separação das atuações de mulheres que mais contribuíram com o tema que aparece mais vezes no periódico. Dessa maneira, após o levantamento numérico dessas contribuições, relatou-se que quarenta e seis mulheres diferentes publicaram textos em Geografia Física, o que equivale a 47% de todas as mulheres que tiveram aparições ao longo da vigência do periódico. Em maiores contribuições encontramos Ruth Matos Almeida com 11,29% com diferentes subtemas no que classificamos como Geografia Física como climatologia, geografia agrária, geomorfologia entre outros temas. Em seguida observa-se nomes como Terezinha de Castro, Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra, Lísia Bernardes, Léa Quintiere, Ruth Lopes da Cruz Magnani entre outras mulheres de grandes atuações no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

**Tabela 12.** Levantamento do periódico Boletim Geográfico com a quantidade de mulheres que publicaram em Geografia Física no período de 1943 a 1978 (continua).

<b>Mulheres</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
Ruth Matos Almeida	11,29%
Terezinha de Castro	8,06%
Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra	8,06%
Lísia Bernardes	6,45%
Ariadne Soares Souto Mayor	4,83%
Léa Quintiere	4,83%
Magnólia de Lima	3,22%
Ruth Lopes da Cruz Magnani	3,22%
Lea Braga Curvelo	3,22%
Celeste Rodrigues	3,22%
Blanca Meires de Botto	1,61%
Katheryne Thomas Whittemore	1,61%
Stephane Henin	1,61%
Myriam Gomes Coelho Mesquita	1,61%
Maria Luisa da Silva Lessa	1,61%
Beatriz Celia de Mello	1,61%
Maria da Glória de Carvalho Campos	1,61%
Marília Uzeda Praça	1,61%
Elza Keller	1,61%
Berta Alves Campelo	1,61%
Anna Carvalho	1,61%
Marília Wilma de Oliveira Veiga	1,61%
Maria Edith Ribeiro Dantas	1,61%
Yeda de Andrade Ferreira	1,61%
Clara Pandolfo	1,61%
Margarida Maria Penteado	1,61%
Hilda da Silva	1,61%
Maria Emília de Castro Botelho,	1,61%
Maria Helena Salles Moreira	1,61%
Yara Maria Marinho da Costa	1,61%
Rita Alves Barbosa	1,61%
Laura Regina Mendes	1,61%
Victória Tuyama	1,61%
Olindina Vianna	1,61%
Maria Juraci Zani dos Santos	1,61%
Joana Kollmorgen	1,61%
Elvia Roque Steffan	1,61%



**Tabela 12.** Levantamento do periódico Boletim Geográfico com a quantidade de mulheres que publicaram em Geografia Física no período de 1943 a 1978 (conclusão).

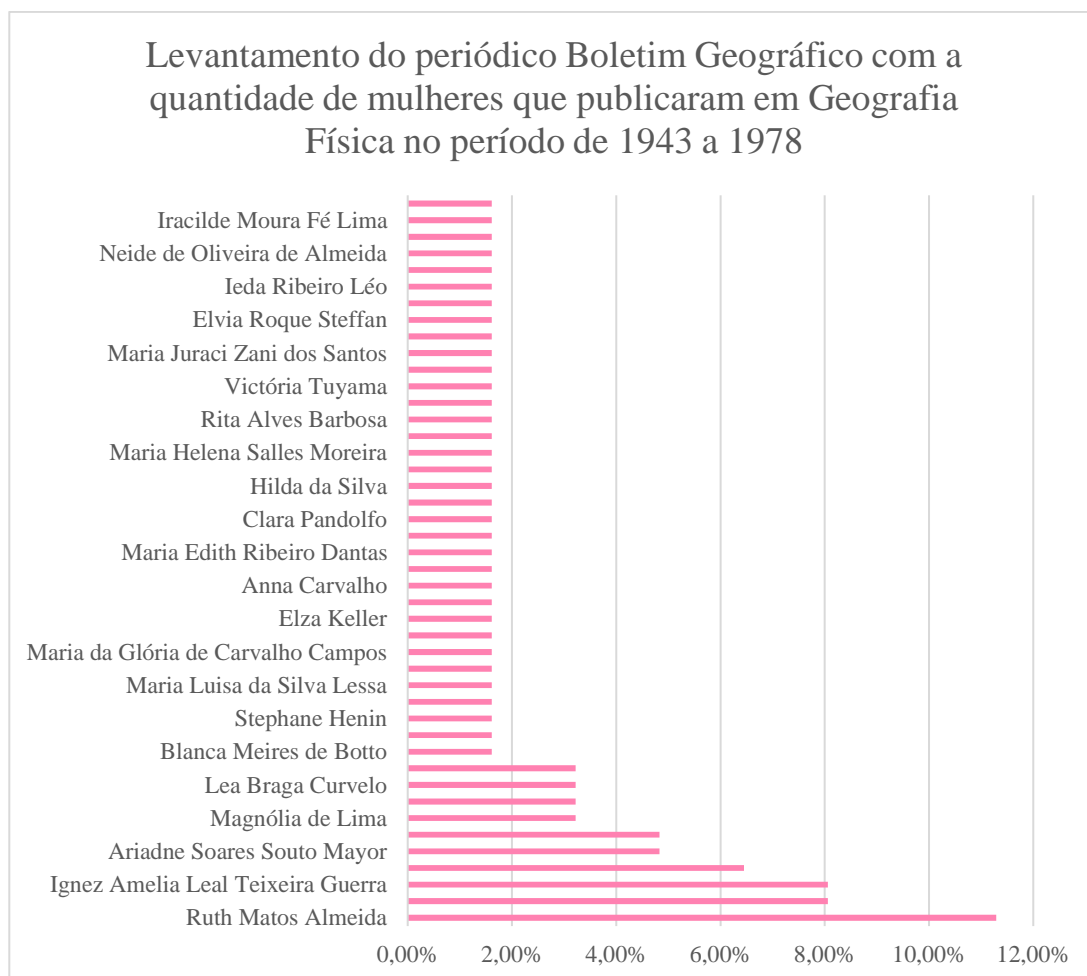
<b>Mulheres</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
Maria Socorro Brito	1,61%
Ieda Ribeiro Léo	1,61%
Telma Suely A. de C. Senra	1,61%
Neide de Oliveira de Almeida	1,61%
Josilda R. da S. de Moura	1,61%
Iracilde Moura Fé Lima	1,61%
Zélia Lopes da Silva	1,61%

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

Com base nos dados apresentados nas duas tabelas que referem-se a quantidade de mulheres que publicaram nos dois temas mais citados, pode-se comprovar que houveram a participação de geógrafas importantes de grande atuação no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística nos dois ramos como por exemplo Lísia Bernardes, que teve uma ativa participação nos estudos de urbanização na mudança de capital do Brasil. Podemos citar também o exemplo de Olga Buarque de Lima que além de contribuir com a Geografia Física no IBGE, é uma importante tradutora de temas variados no periódico Boletim Geográfico, bem como Magnólia de Lima, Léa Quintiere, Marília Wilma de Oliveira Veiga, Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra entre outras consolidadas geógrafas.

Ademais, vale ressaltar a importância da análise de dados para esta dissertação, pois através de todos os levantamentos apresentados pode-se estar munido com as informações estratégicas para decidirmos por quais caminhos iríamos traçar a pesquisa, e quais pontos deveriam receber um olhar mais preciso. A relevância das tabelas e dos gráficos está ligada à facilidade e agilidade na compreensão das informações e conhecimento dos dados por parte de outros pesquisadores e leitores, e também está relacionado às diversas maneiras de ilustrar e resumir as informações apresentadas. O método da pesquisa quantitativa é uma forma de questionar determinada público em busca de comprovar dados para validar hipóteses. Nesse sentido, considera-se que esses levantamentos podem ser um dos principais instrumentos para a pesquisa.

Posto isso, a Figura 10 é colocada de modo a facilitar visualmente a quantidade de mulheres que publicaram em Geografia Física no período de vigência do Boletim Geográfico. Em primeiro lugar citamos Ruth Matos Almeida, em seguida Ignez Amelia Leal Teixeira Guerra, Ariadne Soares Souto Mayor, Magnólia de Lima entre outras geógrafas.



**Figura 10.** Quantidade de mulheres que publicaram em Geografia Física no Boletim Geográfico no período de 1943 a 1978

Fonte: Levantamento realizado por Luanna Siebert (2021-2022) no Boletim Geográfico.  
Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes>

No discorrer da dissertação podemos entender as motivações para as maiores aparições desses dois temas nos períodos de vigência do periódico. Em primeiro momento, podemos citar a motivação e a necessidade de se construir um currículo para a Geografia na década de 1930 com o início da institucionalização das nossas Instituições e no Brasil tivemos o privilégio de contar com grandes nomes que se empenharam na formação curricular da Geografia. Além disso, o segundo ponto a ser considerado é o modo como o Brasil recebeu a Geografia Física e precisava dela para que pudéssemos conhecer nosso vasto território. Através do levantamento é perceptível que muitos artigos foram escritos através de trabalhos de campo que foram explorados por estas geógrafas para compreender nossas dinâmicas climáticas, geomorfológicas, hidrológicas, agrárias. Desse modo, pode-se concluir que urge a necessidade da construção de uma narrativa alternativa para disseminarmos de que modo ocorreu a construção da Geografia como ciência, trazendo valorização para geógrafas que foram invisibilizadas por décadas e com isso mudar gradativamente essa marginalização produzida e mantida por homens brancos no seu lugar de hierarquia.

## 5 CONCLUSÕES INICIAIS

Portanto, a dissertação em tela teve como objetivo central trazer a reflexão sobre um processo de construção da História do Pensamento Geográfico em paralelo a construção do pensamento feminino na Geografia, ainda que existam diferentes abordagens metodológicas. É necessário considerar a existência de uma ciência geográfica carregada de ideologias e posicionamentos epistemológicos eurocêntricos, branca e masculina, que são refletidas diretamente na prática científica.

De maneira inicial, esta dissertação busca a reflexão destacando que a geografia, por carregar o espaço como objeto de estudo e entendê-lo a partir das dinâmicas sociais e da natureza, considera a sociedade como um elemento primordial estruturante. No que diz respeito às sociedades, estas têm características culturais, sociais, econômicas e políticas distintas, contudo em todos os espaços há uma classificação única construída a partir da existência de homem e mulher. Contudo, este é um estereótipo que não é resultado desta correlação objetiva simplista.

Desse modo, neste momento devemos nos atentar para as singularidades de que as sociedades dividem entre homens e mulheres que decorrem a partir de sistema patriarcal, no qual historicamente os homens são dominantes, superiores e as mulheres sofrem com marginalizações e violências por serem mulheres, condição esta que se intensifica de acordo com a sua sexualidade, classe e raça.

Por conseguinte, é imprescindível considerar a contribuição do Movimento Feminista na inserção da mulher nas universidades no Brasil, apresentando-se como pesquisadoras no cenário geográfico, quanto como objeto de pesquisa nos estudos de consolidação da ciência. Urge, dessa maneira, estimular a inserção das questões de gênero na Geografia para ampliação dos debates, e que seja posto em xeque a neutralidade científica.

Logo, seguido destes objetivos centrais, faz-se necessário trazer novas perspectivas e transformações para a sociedade assim como para o meio acadêmico, dado que o papel do geógrafo está relacionado a identificar problemáticas produzidas em espaços, e impulsionar mudanças especialmente considerando as especificidades de classe, raça e gênero.

Vale questionar quais são os mecanismos necessários para ver nos periódicos o perfil de publicações. Há a presença de conteúdos que deixem evidente o caráter político das relações perpassadas por gênero, bem como sua diversidade, complexidade, e como a presença de um número considerável de mulheres geógrafas relacionadas às instituições mais prestigiadas da Geografia, como por exemplo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Por conseguinte, é necessário refletir que ao longo da história da ciência houve resistências e barreiras significativas à entrada de mulheres na academia e na produção científica.

Nesse sentido, quando excluímos parcela da população e as marginalizamos, como o caso das mulheres na ciência, é possível que se forme uma camada da sociedade que se denomine como elite científica, que irá controlar o modo legítimo de se fazer ciência. Diante disso, urge na Geografia, posicionar-nos frente a essas problemáticas que podem ser verificadas desde a estruturação das ciências humanas. Cabe questionar como promover e possibilitar que nossa produção conte com a presença de parcelas da sociedade marginalizadas como mulheres, sobretudo mulheres não brancas e periféricas.

Em vista disso, vale ressaltar que a análise sobre a participação das mulheres na construção da Geografia é de suma importância. A adequação de um discurso contemporâneo acerca do campo de estudo sobre gênero possibilita a legitimidade desses estudos, que gradativamente contribuem para uma ciência inclusiva. Com isso, torna-se imprescindível

viabilizar as pautas feministas no âmbito acadêmico. Desse modo, a confecção desta pesquisa propõe trazer a reflexão sobre as limitações impostas a mulheres na Geografia ao longo dos anos e a invisibilidade de grandes geógrafas nas revistas acadêmicas, especialmente no periódico Boletim Geográfico.

Ao longo da história a geografia foi ocupada por homens; os homens escreveram textos acadêmicos que obtiveram maior visibilidade e legitimidade, os interesses de homens estruturaram o conhecimento geográfico. Com base em teorias feministas sobre a intersecção de poder e conhecimento, diversos aspectos da dominação do homem na ciência geográfica são discutidos em uma série de temas que trazem abordagens influentes na geografia recente.

Ademais, é fundamental relatar que a invisibilidade da mulher na ciência foi um mecanismo utilizado para consolidar uma Geografia masculina/heteronormativa e explicita o caráter político das relações perpassadas por gênero. Esta dissertação teve como objetivo central ressignificar e visibilizar o trabalho das geógrafas do passado na geografia, construindo uma historiografia da ciência geográfica realizada por geógrafas. Desse modo, tornar notável o grande feito de trabalhos autorais por mulheres e mostrar que o papel da Geografia Feminista está diretamente relacionado à valores sociais e de uma hierarquia científica que foi consolidada por homens. É perceptível que invisibilidade feminina é perpassada historicamente por relações de poder, entre as quais questões de gênero se fazem presente.

A produção científica feminista trouxe visibilidade às causas das desigualdades e ao conceito de gênero. Com isso, é possível encontrar relações entre a desigualdade de gênero, classe e raça, que são conceitos indissociáveis para entender as desigualdades históricas produzidas e a necessidade de preocupar-se com a diversidade das experiências femininas.

É sabido que o campo das Geografias Feministas não foi dado de forma unificada no que tange a teorias e métodos. Sua designação é reivindicada desde a década de 1990 com base no discurso de diversidade que congregam esta vertente do pensamento geográfico que é parte integrante do movimento da ciência. (Silva 2007). Com isso, as Geografias Feministas embora tenham se tornado gradativamente mais conhecidas na ciência na década de 1990, seu ápice foi na 1970. A autora Angela Davis afirma que a terceira onda do movimento feminista deveria direcionar críticas as estruturas acadêmicas que são caracterizadas por uma perspectiva branca, masculina e heterossexual.

Ademais, a historiadora Michelle Perrot é assertiva ao afirmar que a história se esqueceu das mulheres – “como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos, fora do acontecimento”. A autora se refere à produção intelectual que excluía a experiência das mulheres e as barreiras políticas que se fazem presente na vida da mulher. E na contramão do que já estava posto como ciência há uma nova perspectiva de crítica da construção histórica do saber. Grupos marginalizados que sofrem com as invisibilidades e apagamentos passaram a ser concebidos como forma de se fazer a Geografia.

Por conseguinte, retomando ao início das análises é possível entender que a Geografia sexista teve de ser revista, na tentativa de compreender a produção de silenciamentos de grupos marginalizados e suas relações de poder. Todavia, as geógrafas feministas não podiam fugir à ciência produzida por homens, e foi necessário lutar contra o domínio masculino do conhecimento estruturada na diferença colonial e sexual epistêmica (Mignolo 2004). Torna-se gradativamente necessário contribuir para as reflexões feministas sobre como o silêncio é imposto a sujeitos não europeus. Há críticas a epistemologias dominante, que evidenciam os saberes que foram produzidos por grupos subalternizados, como as mulheres colonizadas.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. S. **A geografia e os geógrafos do IBGE no período 1938-1998: uma relação entre documento e memória.** Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

BANDEIRA, Lourdes. **A contribuição da crítica feminista à Ciência.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(1): 288, janeiro-abril/2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a20v16n1.pdf>.

BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. “**Estudos sobre mulher e educação**”. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 64, p. 4-13, fev., 1988.

CORREA, Mariza “**Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal**”, *Cadernos Pagu*, no.16, Campinas, 2001

COSTA, A. A. A. “**O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política.**” *Revista Gênero* 5.2 (2013).

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico.** *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** S.Paulo: Boitempo, 2016 [1981].

FANINI, Michele Asmar. **A (in)elegibilidade feminina na Academia Brasileira de Letras.** *Tempo Social*, v. 22, n. 1, p. 149-177, jun. 2010.

GIROTTI, Donizeti. **A relação entre Geografia Escolar e Acadêmica na obra de Delgado de Carvalho: uma análise a partir do Boletim Geográfico (1943-1947).** *Boletim Paulista de Geografia* v. 94, 2016, p.12-31

HARDING, Sandra. “**Is There a Feminist Method?**”. *Feminism and Methodology*. Indianapolis: Indiana University Press, 1987. \_\_\_\_\_. *Ciencia y feminismo*. Tradução de Pablo Manzano. Madrid: Ediciones Morata, S.L, 1996.

HOOKS, Bell, 1952. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras/** Tradução Ana Luíza Libânio – 1 ed – Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher? mulheres negras e feminismo/** Tradução Bhuvi Libanio -1 ed – Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

KELLER, Fox. **Qual foi o impacto do feminismo na ciência?** *cadernos pagu* (27), julho-dezembro de 2006: pp.13-34.

LETA, Jaqueline. **As mulheres na ciencia brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso;** *Estudos* 17 (49), 2003

LIBLIK, Carmem Silvia da Fonseca Krummer. **A participação de mulheres na construção do conhecimento histórico.** *Revista Feminismos*, UFBA, Vol. 2, N. 3, Set-Dez, 2014.

LOPES, Maria Margaret e PISCITELLI, Adriana. **Revistas científicas e a constituição do campo de estudos de Gênero.** *Feministas*, Florianópolis, 12(N.E.): 115-121, setembro-dezembro/2004

MACHADO, Lia Z. **Feminismo, Academia e Interdisciplinaridade.** In COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (org). Uma questão de gênero. São Paulo, Ed. Rosa dos Tempos/FCC, 1992, p. 24-38

MÁRCIA G. R. GROSSI, SHIRLEY D. BERNARDES, ALINE M. LOPES E ALEIXINA MARIA L. ANDALÉCIO. **As mulheres praticando ciência no Brasil.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, 24(1): 406, janeiro-abril/2016

MATTOS, Hebe, BESSONE, Tania e MAMIGONIAN, Beatriz (orgs.). **Historiadores pela Democracia.** São Paulo: Alameda, 2016.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. **Os primeiros professores de geografia formados na USP (1934-1960).** Ateliê de pesquisas e práticas no ensino de geografia, 2018.

MOHANTY, Chandra Talpade. Bajo los ojos de occidente. **Academia Feminista y discurso colonial.** IN: Liliana Suárez Navaz y Aída Hernández (editoras): *Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes*, ed. Cátedra, Madrid, 2008. Disponível em [https://sertao.ufg.br/up/16/o/chandra\\_t\\_mohanty\\_bajo\\_los\\_ojos\\_de\\_occidente.pdf](https://sertao.ufg.br/up/16/o/chandra_t_mohanty_bajo_los_ojos_de_occidente.pdf).

OLIVEIRA, M. da Glória de. **Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia.** *História da Historiografia*, Ouro Preto, MG: vol. 11, n. 28, p. 104-140, 2018.

OKIN, Susan Moller. **"Gênero, o público e o privado".** *Estudos Feministas* 16.2 (2008): 305- 332.

OTTO, C. PINTO, C. R. J. **"Uma história do feminismo no Brasil."** *Estudos Feministas* 12.2 (2004): 238

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru: Edusc, 2005.

Sandenberg, Cecília Maria Bacellar. **Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?** Mimeo. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6875/1/Versão%20Final%20Da%20Cr%C3%ADtica%20Feminista.pdf>

PINTO, Céli. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo. Perseu Abramo 2003. Coleção História do povo brasileiro. P.85-105- O feminismo acadêmico/A virada do milênio

RIBEIRO, Djamila. **"E eu não sou uma mulher?"** Dissertação de Mestrado: Simone De Beauvoir E Judith Butler: Aproximações E Distanciamentos E Os Critérios Da Ação Política. Pós-graduação em Filosofia na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. **Lutas e conquistas das primeiras historiadoras em História Econômica 1934-1972.** In: Rumos da História Econômica no Brasil. São Paulo: Alameda, 2017.

RUTH, Soujourner. **E eu não sou uma mulher?** Em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-soujourner-truth/>

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001. 382

SILVA, J M; M.Sc. Almir Nabozny; Marcio José Ornat. **A visibilidade e a invisibilidade feminina na pesquisa geográfica: uma questão de escolhas metodológicas.** Abordagens Geográficas - volume 1, número 1, 2010: out.nov., p. 23-41

SILVA, J M;. **Geografia e Gênero/ Geografia Feminista O que é isto?** Boletim Gaúcho de Geografia, 23: 105 - 110, março, 1998

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SPITALERE, Ana Carolina Rocha. **Geografia e gênero: considerações sobre a produção acadêmica brasileira.** Trabalho de Conclusão de Curso. 72 f. Unesp Rio Claro, 2014

SULLIVAN, Shannon; TUANA, Nancy. **Race and Epistemologies of Ignorance.** Nova York: State University of New York Press, 2007.

TENOPIR, Carol. **A importância dos periódicos para o trabalho científico.** Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 25, n.1, p. 15-26, 2001

VITTE, Antônio Carlos. **A Geografia Física no Brasil: um panorama quantitativo a partir de periódicos nacionais (1928-2006).** Revista ANPEGE, v.4, 2008.

YANNOULAS, Silvia Cristina, Adriana Lucila Vallejos, and Zulma Viviana Lenarduzzi. **"Feminismo e academia."** Revista brasileira de Estudos pedagógicos 81.199 (2000): 425-451